

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Renata Vaz Ferreira

**O ACOLHIMENTO DOS BEBÊS NA CRECHE:**

tensões, desafios e propostas no contexto da Pedagogia da Infância

Porto Alegre  
1º Semestre  
2018

Renata Vaz Ferreira

## **O ACOLHIMENTO DOS BEBÊS NA CRECHE:**

tensões, desafios e propostas no contexto da Pedagogia da Infância

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

Porto Alegre  
1º Semestre  
2018

Renata Vaz Ferreira

**O acolhimento dos bebês na creche: tensões, desafios e propostas no contexto da  
Pedagogia da Infância.**

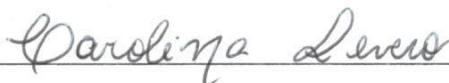
Trabalho de Conclusão apresentado à  
Comissão de Graduação do Curso de  
Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial e  
obrigatório para obtenção do título de  
licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 04 de julho de 2018,



---

Prof<sup>o</sup> Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho - Orientador



---

Prof<sup>a</sup> Me. Carolina da Silva Severo - ULBRA



---

Prof<sup>a</sup> Me. Queila Almeida Vasconcelos - UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Agradecer tem sido em minha vida um exercício bastante recompensador. Agradeço por ter a oportunidade de viver mais um dia. Agradeço pelas coisas boas que acontecem na minha vida e na dos meus familiares. Agradeço também pelas dificuldades, afinal, é a partir delas que construo meus aprendizados e me torno mais forte.

Agradeço à minha família, por todo o apoio financeiro e por sempre acreditarem no meu potencial. Essa conquista é de todos nós! Às minhas filhas amadas Gabrielly e Giovana que foram pacientes em todos os momentos de dificuldade e de ausência pelos quais passamos nestes cinco anos e meio. A elas, que são meus trevos de quatro folhas, e porque as amo incondicionalmente. Sou muito abençoada por tê-las na minha vida!

Ao meu orientador Rodrigo Saballa de Carvalho, pelo aprendizado, confiança e por acreditar no meu potencial durante todo o processo de construção da pesquisa, encorajando-me a estudar cada vez mais e a escrever sobre um processo de acolhimento digno às potencialidades das crianças.

Agradeço à Escola Despertar por me proporcionar uma experiência docente que revolucionou o meu fazer pedagógico, assim como, por ter sido uma fonte de inspiração para a escrita deste trabalho. Lá, eu não apenas conheci o que era acolhimento e vínculo afetivo, mas sim, eu vivenciei essas duas concepções da forma mais significativa possível. Agradeço em especial à psicóloga Juliana Abulé Prudêncio, pela aprendizagem compartilhada e pela confiança que sempre depositou em mim.

A todas as crianças com quem tive a oportunidade de compartilhar o protagonismo na escola da infância.

Aos amigos que a vida me deu. E não foram poucos. Em especial, à Aline, meu anjo em forma de pessoa. Se não fosse por ela, talvez hoje eu não estivesse me formando nesta profissão que tanto me realiza. À “minha pessoa”, Letícia. Talvez ela não saiba que a força da sua amizade fez toda a diferença quando eu vivia um momento bem difícil. Ao amigo que a UFRGS me deu, Lucas: foram tantas aventuras, papos-cabeça, trocas e experiências, que tornaram a minha estada na universidade mais feliz. Obrigada pelo companheirismo sempre. À minha grande amiga Patrícia: quis o destino que não compartilhássemos mais o nosso dia a dia, contudo sua presença ainda é muito forte para mim. Obrigada por me ensinar sobre o respeito às crianças e o amor à docência. Com certeza tem muito dela na professora que sou hoje.

A todos, minha gratidão!

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de Pedagogia buscou compreender como as professoras de berçário pensam o acolhimento dos bebês para a construção de um vínculo afetivo durante o seu ingresso na creche. Os principais objetivos do trabalho foram: apresentar os conceitos de adaptação, *inserimento* e acolhimento e qual a sua contribuição no contexto educativo brasileiro; investigar a importância da construção do vínculo afetivo entre bebê e professora para o processo de acolhimento; analisar as concepções e entendimento das professoras de berçário sobre o processo de acolhimento; identificar os fatores que interferem no acolhimento a partir do olhar das professoras e propor alternativas de mudanças qualitativas no processo a partir da bibliografia estudada. Metodologicamente, foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos e da realização de entrevistas semiestruturadas com quatro professoras de turmas de berçário, das redes pública e privada da cidade de Porto Alegre e região metropolitana. A partir da produção de dados, foram definidas unidades de análise baseadas nos eixos acolhimento, vínculo afetivo e participação das famílias. Com base na produção de dados, foi possível identificar algumas ações de acolhimento dos bebês nas práticas docentes, de acordo com o referencial teórico estudado. Por outro lado, também foi possível perceber que o acolhimento dos bebês na creche, enquanto práxis educativa tem pouca expressividade. Por fim, os dados apresentados na presente pesquisa contribuem para que os professores reflitam sobre as suas concepções em relação aos modos como os bebês têm sido recebidos na creche.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Adaptação. Acolhimento. Vínculo Afetivo. Creche.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>DIÁLOGOS SOBRE A INSERÇÃO DOS BEBÊS NA ESCOLA</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>O INGRESSO DOS BEBÊS À ESCOLA E SUAS MÚLTIPLAS ABORDAGENS</b> .....	<b>11</b>
2.1	ADAPTAÇÃO, <i>INSERIMENTO</i> E ACOLHIMENTO DE BEBÊS NA CRECHE .....	11
2.1.1	A Adaptação .....	11
2.1.2	O <i>Inserimento</i> .....	14
2.1.3	O Acolhimento .....	17
2.1.4	Concepções em debate e por que precisamos falar sobre acolhimento de bebês na creche .....	18
2.2	A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO .....	21
2.2.1	O cuidado e a sua relação com o vínculo .....	23
2.3	TENSÕES/DESAFIOS E PROPOSTAS DE ACOLHIMENTO DE BEBÊS: DISCUTINDO PEDAGOGIAS DA INFÂNCIA .....	25
<b>3</b>	<b>O CURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>REFLETINDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DOCENTES</b> .....	<b>35</b>
4.1	O ACOLHIMENTO .....	35
4.2	O VÍNCULO AFETIVO .....	40
4.3	A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS .....	44
<b>5</b>	<b>PERSPECTIVAS PARA O PROCESSO DE ACOLHIMENTO</b> .....	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>51</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>54</b>

## 1 DIÁLOGOS SOBRE A INSERÇÃO DOS BEBÊS NA ESCOLA

Francisco, de 1 ano e 8 meses, iniciou a sua adaptação em uma quente tarde de janeiro. Chegou à escola vestindo o seu uniforme de Dudu<sup>1</sup> na companhia de seus pais, Daniel e Laura. Nosso primeiro encontro aconteceu na praça interna da escola. Aproximei-me de Francisco que, em um primeiro momento, não buscou muito o meu olhar. Ajoelhei-me para ficar à sua altura e me apresentei. Nesse momento, Chico, como era chamado pelos pais, procurou ficar mais próximo à mãe Laura. Convidei Francisco e os pais para brincarem em um ambiente que eu havia previamente preparado: uma caixa com alguns blocos para empilhar. Eu havia lido na entrevista de Francisco que ele gostava bastante de brinquedos de encaixe, assim como os livros com abas. Mas Chico interessou-se mesmo foi pela pirâmide<sup>2</sup>, que estava localizada próxima à recepção. Ele olhou para a parte interna e ficou fascinado pelo efeito caleidoscópico criado pela tríade de espelhos. “Veja, quantos Chico’s!” – comentei com ele. “Deixa ver se aparecem muitas Rê’s também!” – e entrei na pirâmide. Francisco achou engraçado o fato de eu estar dentro da pirâmide e entrou também. Ficamos por um tempo apreciando a multiplicidade de nossos rostos nos espelhos da pirâmide. Os pais de Francisco estavam próximos, observando o evento. Ao sairmos de dentro da pirâmide, Francisco iniciou uma exploração pelo lado de fora, tentando escalar a pirâmide. A inclinação dificultava a subida e ele precisava de ajuda. Ofereci minha mão, mas Francisco preferiu pedir a mão de sua mãe, que estava próxima, demonstrando que se sentia mais seguro com o auxílio dela. Permaneci próxima a ele, atenta a todo o esforço que ele fazia para chegar ao topo da pirâmide. “Nossa, que bela escalada!” – exclamava para ele. A mãe, Laura, explicava para Francisco que eu era a Prof. Rê, e que eu cuidaria dele ali na escola como ela cuidava em casa. “Posso te ajudar a subir?” – perguntei para Francisco, então, ele me estendeu a mão e subiu na pirâmide com o meu auxílio. Antes de Francisco ir embora, por menos de uma hora atrás, me agachei e falei para ele que o estaria esperando no dia seguinte. Despedimo-nos e ele foi embora.

(Diário de Campo<sup>3</sup>, Porto Alegre, 11 de janeiro de 2016).

Francisco, de um ano e oito meses, foi o primeiro bebê que adaptei na minha trajetória docente. A narrativa acima descreve o primeiro dia dele na escola a partir da minha perspectiva, que era sua professora referência durante o período de adaptação.

Destaco desta narrativa alguns aspectos para iniciar a discussão sobre importantes ações que são fundamentais dentro de um processo de adaptação escolar, como por exemplo, quando a professora ajoelha-se para ficar na mesma altura que a criança, demonstrando reciprocidade para essa relação que está nascendo. Através do olhar e postura do corpo, ela comunica para o bebê o quanto valoriza aquele momento, na tentativa de construção de um vínculo.

A Pediatra húngara Emmi Pikler, em sua importante pesquisa no Instituto Lóczy de Budapeste, afirma que o vínculo afetivo é um aspecto privilegiado no relacionamento adulto/bebê, e primordial para a constituição do sujeito. Falk (2016), com base na obra de Pikler, destaca que esse vínculo precisa ser estável e contínuo, preferencialmente com um

---

<sup>1</sup> Dudu é como carinhosamente a escola é chamada por toda a comunidade, proveniente do nome de seu mascote e símbolo da escola.

<sup>2</sup> A pirâmide é um mobiliário em madeira, de formato triangular, e que na parte interna é toda coberta por espelhos. Inspirado no mobiliário das escolas italianas da região de Reggio Emilia e San Miniato.

<sup>3</sup> O relato é um trecho selecionado a partir de um Diário de campo pessoal, escrito enquanto exercia a função de educadora assistente em uma escola privada de Educação Infantil no município de Porto Alegre.

adulto referência, proporcionando condições para uma boa saúde mental da criança, assim como uma efetiva socialização na primeira infância.

Outro aspecto importante a ser considerado é a participação das famílias no processo adaptativo. Francisco, em seu primeiro dia na escola, foi acompanhado pelos pais durante todo o tempo. Quando, em algum momento, sentia-se inseguro, recorria ao olhar e toque da mãe, continuando em seguida suas explorações.

Uma escola que acolhe as famílias durante o período de adaptação, transmite segurança e confiabilidade, para que todos os envolvidos, pais, crianças e demais profissionais da escola, sintam-se partes importantes desse processo. Nas escolas italianas já é comum essa realidade, em que a família participa ativamente do período de adaptação. Em sua contribuição sobre o aspecto da participação das famílias, Bove (2002) destaca que o tempo que os pais passam dentro da escola é um importante indicador dessa acolhida, estreitando principalmente os vínculos entre professoras e família, proporcionando um sentimento de “familiaridade e segurança emocional”, para que as experiências posteriores de separação e reencontro não sejam angustiantes para as crianças.

Contudo, o que geralmente permanece sendo realizado nas creches e escolas de Educação Infantil são práticas educativas descontextualizadas durante a adaptação, visto que as instituições optam por um processo focado em uma progressividade do tempo em que os bebês e crianças pequenas iniciam a vida escolar. No primeiro dia, os bebês permanecem uma hora na escola; no segundo, permanecem duas horas; no terceiro, uma hora a mais, até o momento em que “suportam” permanecer a tarde inteira.

Nesse sentido, Hoyuelos (2015) afirma que existe uma complexidade no processo de sucessão temporal, em que as formas como significamos o tempo em nossa cultura são meramente sugestivas e não abrangem os tempos individuais das crianças. O autor destaca ainda, a relação entre os tempos *chronos* e *kairus*. O tempo *chronos*, aquele que é cronológico e mensurável, é de onde a organização e rotina escolar são decorrentes, e que é imposto ao tempo das crianças; já o tempo nominado *kairus*, tem por característica ser subjetivo, indomável e regularmente reivindicado pelas crianças.

Portanto, esse esquema de adaptação, baseado em uma concepção temporal do adulto, além de não respeitar as faixas etárias e os diferentes tempos da infância, desconsidera a individualidade da criança quando acredita que todas elas necessitam do mesmo período para adaptar-se a uma nova situação.

O processo de adaptação, muito mais do que o início de uma trajetória escolar, é muitas vezes a primeira experiência fora do contexto familiar que as crianças vivenciam. Ele é

também o período de construção de novas relações afetivas e estabelecimento de vínculos. De acordo com Winnicott (1982, p.214) “a função da escola maternal não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que nos primeiros anos da criança só a mãe desempenha”. Neste caso, a escola precisa dar conta da necessidade de afeto, segurança, alimentação, repouso e aprendizagem, sendo a adaptação parte importante desse processo.

Pensar sobre o processo de adaptação, é pensar sobre o início de tudo. É o início de uma vida escolar, em que os familiares, as crianças e os demais profissionais da escola participam. Ele é vivido pela criança, portanto cada processo é diferente, contudo existem princípios que podem ser adotados pelas instituições, com base na concepção de infância que elas têm.

Para repensar estes princípios institucionais, algumas são as contribuições italianas (Mantovani, 1998; Bove, 2002; Zingoni, 2014) que abordam a questão da iniciação escolar dos bebês e crianças bem pequenas. Uma dessas contribuições é a concepção de *inserimento*<sup>4</sup>, que segundo Bove (2002) caracteriza-se pelo processo de acolhida da criança à comunidade escolar e do início de novas relações da mesma com outras crianças e adultos. Nesse sentido, o processo de *inserimento* da criança na escola tem como questão proporcionar uma transição do ambiente familiar ao escolar que seja qualitativa, com o objetivo de “estimular e valorizar os relacionamentos entre as crianças e os adultos”. Com isso, existe uma mudança de foco que sai da concepção de um processo focado na tentativa de proporcionar um ambiente seguro na creche a fim de facilitar a separação da criança com a mãe, para um processo motivado ao encontro e a construção de novas relações.

Diante dessas considerações, analisando o termo adaptação que é comumente utilizado para caracterizar este processo no contexto educativo brasileiro, podemos afirmar que ainda é definido por uma adaptação da criança ao meio, com base na separação gradual entre mãe e bebê a fim de se prevenirem algumas implicações no desenvolvimento da criança (Bowlby, 1989).

Pensando o processo de adaptação a partir de uma nova perspectiva, busco ressignificar o entendimento da palavra adaptação para este estudo e opto por utilizar o termo acolhimento para caracterizar o processo de ingresso da criança na creche ou escola de educação infantil, sob uma ótica voltada para as novas relações e experiências na escola da infância. Corroborando com este pensamento, Staccioli (2013) afirma que o acolhimento é um “método

---

<sup>4</sup> O termo italiano *inserimento* tem por tradução em português a palavra inserção, que significa ato ou efeito de se inserir.

de trabalho”, caracterizado por atitudes acolhedoras, em que o docente precisa estar disponível para este encontro, acolhendo as necessidades e desejos das crianças.

Assim, o presente trabalho de conclusão do curso de graduação em pedagogia justifica-se pela necessidade de ampliar o olhar a respeito do ingresso dos bebês na escola, considerando aspectos importantes como o acolhimento e o vínculo, contribuindo com os princípios da escola da infância. Desse modo, constitui a seguinte questão como problema de pesquisa: Como é pensado pelas professoras de berçário o acolhimento dos bebês de 0 a 3 anos para a construção de um vínculo afetivo durante o seu ingresso na creche?

Como principais objetivos deste trabalho de pesquisa destaco, 1) apresentar os conceitos de adaptação, *inserimento* e acolhimento e qual a sua contribuição no contexto educativo brasileiro, 2) investigar a importância da construção do vínculo afetivo entre bebê e professora para o processo de acolhimento, 3) analisar as concepções e entendimento das professoras de berçário sobre o processo de acolhimento, 4) identificar os fatores que interferem no acolhimento a partir do olhar das professoras, e 5) Propor alternativas de mudanças qualitativas no processo a partir da bibliografia estudada.

O caminho metodológico percorrido para cumprimento dos objetivos foi de uma pesquisa de abordagem qualitativa e natureza aplicada, a partir de uma pesquisa bibliográfica e realização de entrevistas semiestruturadas com quatro professoras atuantes em berçários, das redes pública e privada da cidade de Porto Alegre e região metropolitana.

O fato de ter iniciado minha experiência docente em uma escola de educação infantil inspirada pelas concepções italianas de educação, despertou-me um olhar diferenciado para a questão do tempo das crianças. Um tempo que é diferente do tempo do adulto, mas que, ainda assim, permanecem sendo submetidas durante grande parte do cotidiano. As crianças comem, dormem e brincam em um tempo instituído pelo adulto, assim como adaptam-se em um período de tempo conveniente ao mesmo. Nesse sentido, Hoyuelos (2015) afirma que existe um movimento de organização escolar a partir da ótica de que todos são iguais, fazendo as mesmas coisas e ao mesmo tempo, desse modo, é importante discutirmos uma rotina escolar que respeite as singularidades, os direitos das crianças e compreenda os seus diferentes tempos.

Sendo assim, esse trabalho torna-se importante para se pensarem novas formas de receber as crianças na escola, respeitando as suas individualidades e necessidades, contribuindo para a construção de uma nova concepção sobre o processo de acolhimento.

Para isso, o presente trabalho estrutura-se em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo, intitulado “Diálogos sobre a inserção dos bebês na escola”, foram apontadas algumas considerações iniciais a respeito do processo de ingresso da criança na escola.

No segundo capítulo, intitulado “O ingresso do bebê à escola e suas múltiplas abordagens”, é apresentada a base teórica da pesquisa. Primeiramente são evidenciados os conceitos de adaptação, *inserimento* e acolhimento, assim como o debate entre as concepções a respeito de suas semelhanças e diferenças em relação ao processo. Posteriormente, são investigados fatores envolvidos no processo de construção do vínculo afetivo, bem como a importância do mesmo no período de acolhimento dos bebês para que sejam estabelecidas as relações entre bebê e professora. Por fim, são apontadas algumas tensões presentes no processo de acolhimento deles à escola, assim como algumas possibilidades de propostas para as escolas de educação infantil.

No terceiro capítulo, apresento “O curso metodológico da pesquisa”, juntamente com os desdobramentos para a realização desta. No quarto capítulo, intitulado “Refletindo sobre as concepções docentes”, são apresentadas as unidades de análise do trabalho, que abordam o acolhimento, o vínculo afetivo e a participação das famílias, elaborados a partir das concepções das professoras entrevistadas e aliados à base teórica da pesquisa. Concluindo, no quinto capítulo apresento algumas “Perspectivas para o processo de acolhimento”, seguida pelas referências utilizadas para a estruturação do trabalho. Desse modo, a seguir é apresentado o segundo capítulo do trabalho.

## 2 O INGRESSO DOS BEBÊS À ESCOLA E SUAS MÚLTIPLAS ABORDAGENS

Neste capítulo, são apresentados conceitos indispensáveis – adaptação (RAPOPORT, 2005), *inserimento* (BOVE, 2002, MANTOVANI & TERZI, 1998), acolhimento (STACCIOLI, 2013) e vínculo afetivo (BOLWBY, 1994, GONZALEZ-MENA & EYER, 2014) - para iniciar a investigação sobre o que pensam as professoras de berçário a respeito do processo que envolve a chegada dos bebês na escola. Para isso, o capítulo será dividido em três seções: 2.1) Adaptação, *Inserimento* e Acolhimento de bebês na creche, composto pelas subseções: 2.1.1) A Adaptação, 2.1.2) O *Inserimento*, 2.1.3) O Acolhimento e, 2.1.4) Concepções em debate e por que precisamos falar sobre acolhimento de bebês na creche; 2.2) A construção do vínculo afetivo, com a subseção: 2.2.1 O cuidado e a sua relação com o vínculo; e, 2.3) Tensões/desafios e propostas de acolhimento de bebês: discutindo Pedagogias da Infância.

Nesta primeira seção, aprofundo aspectos referentes aos conceitos de adaptação, *inserimento* e acolhimento – seus princípios e peculiaridades – assim como o tensionamento, limites e possibilidades entre eles.

### 2.1 ADAPTAÇÃO, *INSERIMENTO* E ACOLHIMENTO DE BEBÊS NA CRECHE.

Para discutir o conceito de adaptação, conhecendo mais sobre o processo, a colaboração teórica se sucede com os autores RAPOPORT (2005) e RAPOPORT & PICCININI (2001). Compreendendo a ideia do *inserimento*, as autoras MANTOVANI & TERZI (1998) e BOVE (2002) nos brindam com a experiência educativa italiana para refletir a respeito da inserção da criança na escola. Por fim, para pensarmos em uma perspectiva de acolhimento, o embasamento teórico ocorrerá por meio da discussão apresentada por STACCIOLI (2013).

#### 2.1.1 A Adaptação

*No primeiro dia da Giovana na escola, ela permaneceu por uma hora. Despedimo-nos na recepção e ela seguiu, de mãos dadas com a diretora da escola, que lhe conduziu até a sala do minimaternal, onde ficava a professora Sílvia, a auxiliar Aline e as demais crianças. Apesar do olhar apreensivo que recebi da Gi, no momento em que ela se distanciava cada vez mais, até o momento em que não nos enxergávamos, posso dizer que foi um primeiro dia bem tranquilo. Entre as idas até a sala da diretora, para olhar as câmeras e o tempo de espera na recepção da escola, achei que aquela uma hora na qual ali permanecemos, foi até rápida.*

(Diário pessoal<sup>5</sup>, Porto Alegre, 17 de julho de 2012)

*Hoje foi bastante difícil. Giovana não costuma reclamar da escola, pelo contrário, tenho a impressão de que ela está feliz lá. Mas hoje, quando fui deixá-la, aconteceu algo que me deixou com o coração partido. Ao chegarmos em sua sala, a porta estava fechada. Batemos, e a profe Sílvia nos recepcionou. Como a porta não*

<sup>5</sup> Trechos retirados de um diário pessoal no qual escrevo sobre as experiências das minhas filhas.

*foi aberta totalmente, compreendi que aquele era o meu limite, já que eu havia ultrapassado a “barreira natural” que era a recepção. Entreguei a Giovana para a profe, que imediatamente a pegou no colo e pediu que se despedisse de mim. Giovana chorou. Foi a primeira vez que eu a vi chorar na creche. A profe Sílvia fechou a porta, e eu permaneci ali, até que não pudesse mais escutar o seu choro, na esperança de que ela estivesse bem. Ao descer, e relatar para a diretora, que também é Pedagoga da escola, ela me levou até a sua sala e mostrou no monitor que a Giovana estava lá, ganhando um colinho da profe Sílvia. Se ela havia parado de chorar, eu não sabia, porque pelo monitor não era possível distinguir.*

*(Diário pessoal, Porto Alegre, 27 de julho de 2012)*

A adaptação de um bebê à creche tem por característica ser um período repleto de mudanças, tanto na rotina como na convivência. O bebê passa a frequentar um novo ambiente, com adultos e crianças que não estavam presentes em seu convívio diário, assim como os cuidados básicos, que antes eram realizados pela família, passam a ser compartilhados com uma professora. O relato acima, referente à minha experiência pessoal como mãe de um bebê de 1 ano e 10 meses durante o seu ingresso em uma Escola de Educação Infantil privada, situada na cidade de Porto Alegre, tem aspectos interessantes para iniciarmos a discussão sobre o processo de adaptação na primeira infância e quais as práticas que permeiam a sua concepção.

O termo adaptação<sup>6</sup>, que vem do latim *adaptāre*, significa ato ou efeito de adaptar-se, assim como tornar algo conveniente ou ajustado para determinado uso ou situação, ao mesmo tempo em que abrange objetivos e estratégias típicas no contexto escolar. O período de adaptação refere-se, então, aos primeiros dias de frequência da criança após o seu ingresso na escola e um de seus objetivos é que a mesma consiga permanecer neste novo ambiente, bem diverso do familiar, a partir de uma progressividade do tempo. Geralmente, o ingresso da criança na escola provém de uma necessidade familiar, que pode ser a rotina profissional dos pais, ou então, por uma escolha da própria família, que compreende a escola como um espaço que possibilita aprendizagem e socialização para as crianças.

Algumas estratégias docentes são um tanto características dentro do período de adaptação, como por exemplo, o ato de distrair a criança com diferentes brinquedos durante os momentos de choro e protesto, defronte de uma separação da mãe. Nessa perspectiva, não existe uma ênfase em se “estabelecerem relações” durante o processo, mas sim, que a criança o percorra em menor tempo possível assegurando a efetividade desta adaptação.

O significado da palavra adaptação dentro do contexto educativo ainda é carregado de práticas e sentidos que sugerem uma ideia de que a criança é quem precisa adaptar-se ao meio, desconsiderando as demais partes envolvidas e o caráter relacional do processo.

---

<sup>6</sup> Fonte: SACCONI, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico / Luiz Antonio Sacconi. – São Paulo: Nova Geração, 2010.

Refletindo sobre essa questão, Rapoport & Piccinini (2001) apontam que é necessário considerar dentro do processo de adaptação, estas três dimensões que se correlacionam: criança – família – escola, afinal, tais mudanças de rotina e convívio também passam a ser da família, que estabelece relações importantes com as professoras, tratando-se de um processo complexo e que envolve a todos. Nesse sentido, o relato anteriormente apresentado possibilita com que eu problematize sobre qual a participação das famílias, de modo geral, no ingresso da criança na escola: será que participam ativamente do processo ou ainda são delimitados a permanecer nas recepções das escolas?

Analisando o relato anteriormente apresentado, e a ação de entregar a criança nas mãos da diretora da escola que a conduz até uma segunda pessoa que de fato é a professora da turma, Rapoport (2005) afirma que se trata de uma instituição que desconhece a importância desse período, permitindo uma separação brusca entre mãe e bebê, e assim, causando insegurança em ambas as partes. Outra questão que a autora aponta, é sobre a relevância de haver uma figura de referência durante o período de adaptação, que receba a criança e que a acompanhe sobretudo durante o processo adaptativo.

A referida autora destaca também que algumas creches desconsideram a criança como um sujeito de direitos e acabam, de forma institucional, determinando o tempo de duração do período de adaptação. Dessa forma, mesmo que exista uma preocupação a respeito de um processo gradual do período - em que na primeira semana a criança fica uma hora por dia, e na segunda, já permanece em tempo integral, ou então, na primeira semana fica durante duas horas por dia e, na semana seguinte, no turno inteiro – é uma fração de tempo que é instituído pelos adultos e não respeita as individualidades e particularidades dos bebês. Nessa perspectiva, Hoyuelos (2015) discursa sobre a necessidade da escola em compreender, reorganizar e oportunizar práticas que respeitem os diferentes tempos “da vida, da sociedade, das famílias e dos alunos” (HOYUELOS, 2015, p. 46). As crianças percebem o tempo como uma nova oportunidade para conhecer, explorar e investigar o mundo através de suas experimentações. Desse modo, como é possível o adulto “medir” o tempo de duração destas experiências? O adulto já conhece este mundo em que o bebê está inserido há poucos meses, logo, como identificar que o tempo disponibilizado a eles será o suficiente para que as experiências tenham sido significativas? Refletindo a respeito do período de adaptação, e sobre o tempo disponibilizado em que os bebês experienciam este processo, acredito que não se pode determinar um começo e um final. Torna-se fundamental se considerarem os tempos individuais dos bebês, pois cada experiência de adaptação será diferente uma da outra;

portanto, não devemos estipular prazos, mas sim, conhecer o processo e tempo da criança, permitindo que a adaptação ocorra em conformidade com a sua singularidade.

Na próxima subseção será apresentada a experiência educativa italiana referente ao ingresso das crianças à escola, assim como o conceito de *inserimento* e suas principais características e princípios.

### 2.1.2 O *Inserimento*

*Quando percebi que Mariana precisava trocar a fralda me abaixei para ficar na mesma altura que ela e perguntei: - “Posso olhar a tua fralda, Mari? Pra ver se a Mari fez cocô?” Diante da confirmação, falei para a Mariana que nós chamaríamos a mamãe para trocar a sua fralda. A mãe Leticia estava sentada na recepção, observando nossas brincadeiras que aconteciam na praça interna da escola. Fomos as três até o fraldário que ficava em nossa sala. Eu disse para Luíza: - “Mari, a mamãe vai trocar a tua fralda e mostrar para a profe Rê como ela faz quando vocês estão em casa, assim a profe aprenderá a te trocar do jeitinho que a mamãe faz!” Mariana me olhava bastante séria, mas sempre prestando muita atenção ao que eu dizia.*

*(Diário de campo<sup>7</sup>, Porto Alegre, 13 de janeiro de 2016)*

Desde a experiência de Lóris Malaguzzi que, pós Segunda Guerra Mundial, na região de Reggio Emilia, construiu uma nova escola com o auxílio de pais e professores, revolucionando então a forma de perceber o processo educativo das crianças, considerando-as em seu “potencial intelectual, emocional, social e moral” (GARDNER, 1999, p.10), as contribuições de autores italianos para a educação das crianças pequenas têm sido apreciadas por grande parte das instituições educacionais no mundo todo. Nesse cenário, na presente subseção, será apresentado o conceito de *inserimento*<sup>8</sup>, a partir das contribuições de MANTOVANI & TERZI (1998) e BOVE (2002).

Na perspectiva de BOVE (2002, p.135), o *inserimento* é “a estratégia de dar início a uma série de relacionamentos e comunicações entre adultos e crianças quando a criança está ingressando em uma creche ou em uma pré-escola pela primeira vez”. O período de *inserimento*, que assinala o processo inicial de acolhida da criança à instituição, tem como um de seus princípios incentivar o envolvimento dos pais no transcurso da experiência escolar de seus filhos, satisfazendo de modo eficaz às suas necessidades, que se tornam bastante apreensivas durante este período. Desse modo, as escolas que se embasam a partir da concepção de *inserimento* tem espaço aberto para que os familiares participem ativamente

<sup>7</sup> O relato é um trecho selecionado a partir de um Diário de campo pessoal, escrito enquanto exercia a função de educadora assistente em uma escola privada de Educação Infantil no município de Porto Alegre.

<sup>8</sup> Em algumas publicações italianas que foram traduzidas para o português optou-se por utilizar a palavra *inserção* ao invés de *inserimento*. Neste estudo, priorizei a utilização da palavra *inserimento*, contudo, nas citações, serão preservadas as traduções dos autores.

deste período, interagindo livremente com seus filhos dentro da escola, possibilitando que as crianças estruturam sentimentos de familiaridade e de segurança emocional. Durante as primeiras experiências de separação e encontro, as professoras privilegiam um contexto planejado para estimular a formação de novas relações, que é o ponto central do *inserimento*.

Apropriando-se do relato acima, de uma regular cena do cotidiano na creche, que é a troca de fraldas durante os momentos de higiene, se pode observar uma prática bastante diferenciada, em que a professora transforma o momento em uma experiência singular, ao invés de uma ação mecanizada. A simples conduta de abaixar-se para ficar na altura do bebê, perguntar se pode verificar a fralda – afinal, é o corpo desse bebê – e designar à mãe a tarefa de realizar a primeira troca de fraldas na escola, nomeando todas as ações realizadas, demonstram o respeito às individualidades e singularidades destes bebês que estão chegando à escola.

Nesse sentido, Mantovani (1998) afirma que os bebês desde muito pequenos possuem habilidades muito potentes, como a capacidade de corresponder a comportamentos dos adultos, apresentando certa estabilidade e previsibilidade. Ao observarmos um bebê em um momento de interação com os pais, se ficarmos atentos aos sinais que emitem, podemos perceber uma resposta diferente de quando é a mãe que lhe comunica algo ou o pai que o faz.

A autora destaca também o comportamento dos bebês entre 7 e 8 meses, que conseguem “antecipar rituais típicos com uma pessoa específica, em situações específicas” (MANTOVANI, 1995, pg.177), assim, por exemplo, durante uma brincadeira que é realizada com a criança de forma sistemática, ou então durante os cuidados diários de alimentação e higiene, elas demonstram que distinguem este adulto, recordando “alguns de seus estilos comunicativos através de hábitos comuns ou rituais” (MANTOVANI, 1995, pg.177), que acontecem majoritariamente durante os momentos da rotina de cuidados, por se caracterizarem momentos de intimidade.

Ao encontro das ideias trazidas pela autora, é importante que as professoras de berçário reconheçam a capacidade dos bebês de “reconhecer e antecipar o comportamento de vários adultos” (MANTOVANI, 1995, pg.177), demonstrando sua capacidade cognitiva e emotiva em estabelecer uma relação com outros adultos. Nesse sentido torna-se imprescindível que elas tenham uma prática de oralidade com os bebês, permeada de intenção e comunicação, antecipando verbalmente alguns procedimentos a fim de a criança conhecer essa nova rotina na creche, assim como estabelecer essa nova relação com as professoras e demais crianças.

Outro aspecto de muita relevância para compreender o conceito de *inserimento*, e que é possível vislumbrar no relato acima, quando a mãe de Mariana está próxima da interação

entre criança e professora, inclusive sendo solicitada para realizar a primeira troca de fraldas da criança na escola, é a permanência de uma figura familiar durante o seu ingresso até que a criança estabeleça uma relação com a professora-referência.

De acordo com Bove (2002), ao incluir os familiares no processo de *inserimento* da criança na escola, estamos contribuindo para que ela se sinta mais segura dentro deste novo contexto, do mesmo modo que também auxiliamos os pais a se adaptarem, pois muitas vezes trata-se de uma situação nova para eles. A autora, citando estudos de Emiliani, Gelati e Molinari (1989), afirma que “o bem-estar da criança está intimamente ligado ao bem-estar da mãe (ou da pessoa que cuida daquela) e ao apoio do pai, da família ampliada e das instituições” (BOVE, 2002, pg.139).

Nesse contexto, as autoras Mantovani (1998) e Bove (2002) concordam sobre a importância do bem-estar da figura materna para que a criança consiga experienciar e explorar o novo ambiente, sendo esse um fator muito considerado durante o processo de *inserimento*. Esse bem-estar deve ocorrer tanto durante o ingresso da criança na escola, em que a mãe participa ativamente do processo, como quando ao término dele, quando as relações já estão estabelecidas entre criança, professora e família.

Acima de tudo, a concepção de *inserimento* descarta por completo a valorização da ideia de separação entre mãe-bebê para considerar a possibilidade de um momento de construção de novas relações. Relacionamentos que são constituídos nas experiências do cotidiano, ampliando o mundo social da criança e caracterizando-se “por uma curiosidade genuína, uma ausência de julgamentos e uma atitude de respeito e atenção para com o outro” (BOVE, 2002, pg.139).

Finalizando, Mantovani (1998) sugere que as condições de uma boa inserção da criança na escola derivam de seus próprios princípios. Um deles é a participação ativa da família durante o processo até que a criança estabeleça um vínculo com a professora-referência, caracterizando-se um momento em que se pode observar a interação entre família e bebê, conhecendo melhor a relação entre eles.

Outro princípio são os cuidados individualizados praticados com regularidade pelas professoras durante os momentos do cotidiano. Por exemplo, os momentos de higiene, sono e alimentação. Ambos os princípios reúnem elementos para o fortalecimento do vínculo entre professora e bebê na construção dessa nova relação.

Na próxima subseção serão abordados os conceitos e princípios do acolhimento, assim como sua possibilidade como uma proposta de trabalho.

### 2.1.3 O Acolhimento

*Chegando à escola fui recepcionada pela Larissa por um abraço caloroso, que me apresentou à Fábia. A Ana, secretária, fez um módulo de treinamento comigo onde vimos um Power Point sobre a história da escola, sua metodologia, estrutura, hierarquia, mostrou os principais documentos sobre a manutenção da qualidade na escola. Lemos o regimento interno e após, ela foi me mostrar a escola. A escola é muito bonita, com diversos ambientes: ateliê, bibliotecas, salas que se conectam entre si. Após, fiquei os últimos vinte minutos observando uma turma de nível dois. As crianças brincavam aleatoriamente, sem nenhuma intervenção das duas professoras, que arrumavam o armário. Havia uma estagiária de psicologia que estava acompanhando a turma. Algumas meninas brincavam de casinha embaixo da casinha de madeira que ficava dentro da sala de aula. Algumas iniciaram uma briga porque queriam o mesmo livro. Tomei a liberdade de mostrar outros livros, no entanto não quiseram. Sugeri que cada uma escolhesse um livro e contasse a história que havia nele para nós. O choro cessou, e as meninas escolheram outros livros.*

*(Diário pessoal<sup>9</sup>, Porto Alegre, 29 de outubro de 2013).*

Estamos a todo o tempo conhecendo pessoas e lugares diferentes, assim como experimentando coisas novas, contudo, que elementos tornam algumas experiências mais significativas do que outras? E se pensarmos sob a perspectiva de um bebê, que está conhecendo o mundo pela primeira vez e cujas experiências são muito mais expressivas?

Partindo das concepções de experiência e acolhimento, a ligação entre os dois somente é possível “quando se age com coerência, convicção e método” (STACCIOLI, 2013, p.27). Nesse sentido, analisando o relato acima, referente um trecho sobre o meu primeiro dia de trabalho em uma escola de educação infantil, a forma como fui acolhida naquele espaço fez com que eu buscasse em minhas memórias afetivas a lembrança deste dia. O abraço caloroso, a preocupação em me explicar tudo sobre a escola e depois me mostrar cada cantinho, foi muito além do início de uma nova funcionária naquela escola. Naquele espaço, o acolhimento de adultos e crianças, além de institucional, era considerado um princípio do trabalho docente.

Para STACCIOLI (2013, p.25), o acolhimento discorre de “um método de trabalho complexo, um modo de ser do adulto, uma ideia chave no processo educativo”, nesse sentido, é relevante pensarmos o acolhimento como uma *práxis* do professor. O acolhimento deve estar integrado às ações do trabalho educativo, em que o professor proporciona “um ambiente acolhedor e motivador para a criança” (STACCIOLI, 2013, p.26), permeado de intencionalidade e finalidade educativa.

Nessa direção, Staccioli (2013) destaca também que o acolher é uma competência do adulto, e para tal, o professor precisa estar atento a alguns fatores a fim de compor essa habilidade. Uma delas refere-se à confiança na capacidade da criança e o reconhecimento da mesma como um sujeito de direitos, respeitando as suas individualidades e acolhendo-a de

---

<sup>9</sup> O relato é um trecho selecionado a partir de um Diário de campo pessoal, escrito enquanto exercia a função de educadora assistente em uma escola privada de Educação Infantil no município de Porto Alegre.

modo singular. Outro fator deve-se à relevância das ações de acolhimento se estenderem a toda a família, considerando que eles são parte do mundo da criança.

Para pensarmos o ingresso da primeira infância na escola sob a perspectiva do acolhimento, é necessário desconsiderarmos a ideia de que o acolhimento se dá apenas na chegada da criança à escola, ampliando a necessidade de acolher os pequenos nos diversos momentos do cotidiano. Contribuindo com este pensamento, STACCIOLI (2013, pg.28) argumenta que

Acolher uma criança é também acolher o mundo interno da criança, as suas expectativas, os seus planos, as suas hipóteses e as suas ilusões. Significa não deixar passar, como se fosse tempo inútil, o tempo que a criança dedica às atividades simbólicas e lúdicas, ou o tempo empregado para tecer relações “escondidas” com outras crianças.

Concluindo, o acolhimento dos bebês tem a necessidade de ser amplo, se fazer e refazer no cotidiano, em que os professores queiram verdadeiramente estar nesta relação, conhecendo as particularidades da criança e acreditando em suas potencialidades, transformando assim a sua experiência educativa e relacional.

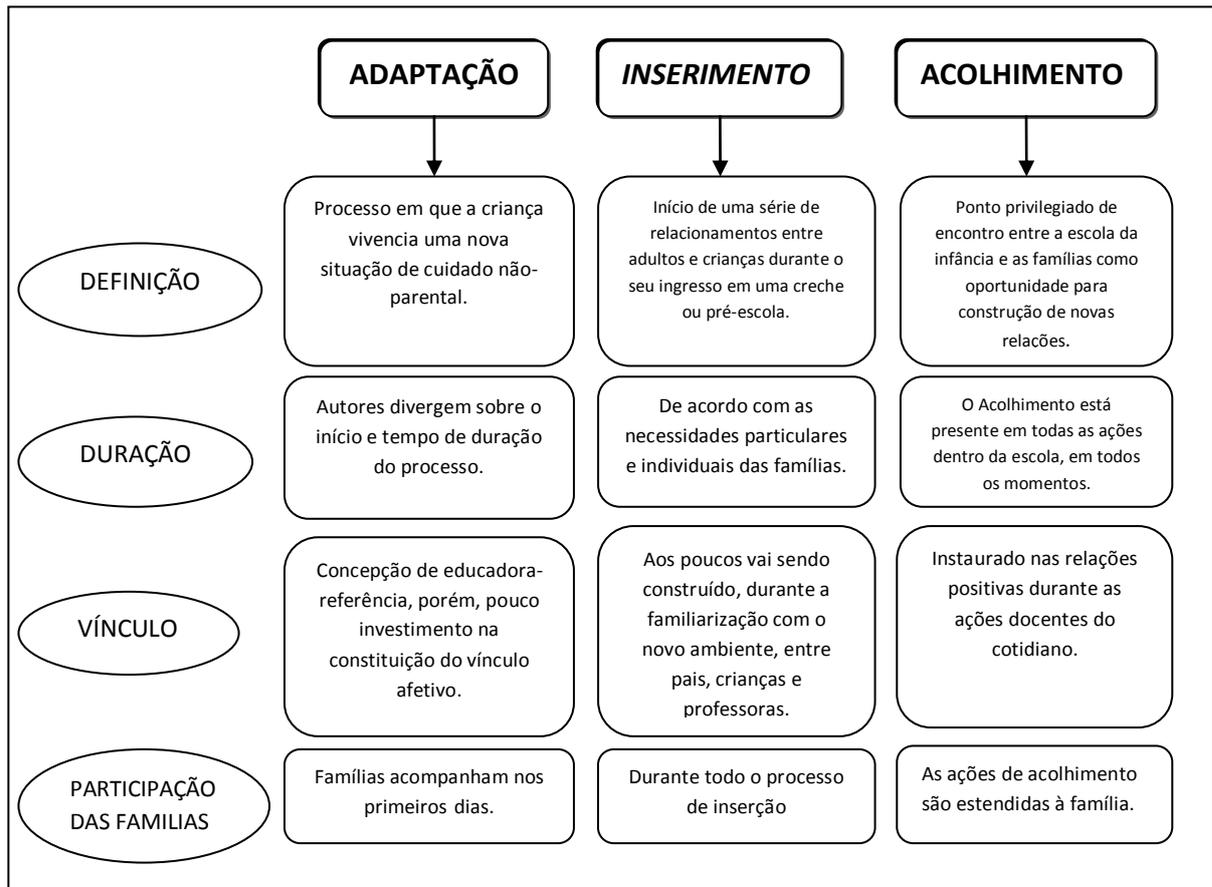
Na próxima subseção, com base nos conceitos abordados anteriormente, apresento elementos para o debate entre eles considerando o contexto educativo brasileiro, assim como, a necessidade de refletir e articular sobre o acolhimento dos bebês na creche.

#### **2.1.4 Concepções em debate e por que precisamos falar sobre acolhimento de bebês na creche.**

A partir da apresentação dos conceitos – adaptação, *inserimento*, e acolhimento – abordados nas subseções anteriores, e suas principais características e particularidades, surge a necessidade de pensá-los em relação, principalmente porque, mesmo com algumas diferenças entre eles, referem-se ao mesmo contexto que é o ingresso da criança na escola. Sendo assim, para iniciar o debate entre as três concepções e uma melhor compreensão do leitor, foi elaborado o esquema apresentado a seguir<sup>10</sup>:

---

<sup>10</sup> A bibliografia utilizada para a construção do esquema apresentado, respectivamente, são: Rapoport (2005), Bove (2002) e Staccioli (2013).



Considero importante reafirmar para o leitor que a questão aqui colocada é debater entre as diferentes concepções sobre o processo que compreende a chegada da criança na escola, de modo que envolvem as similaridades entre si, mas também divergências de ordem histórica e temporal.

Iniciando a discussão, refletindo a respeito de uma instituição escolar que se dedica ao processo a partir do conceito de adaptação, e com base na argumentação teórica apresentada anteriormente, acredito que exista o pensamento de que a criança é quem precisa ir se acostumando a permanecer na escola, dia após dia, até que ela assimile a nova rotina e aceite-a, estando então adaptada ao novo ambiente e ao grupo de pessoas do novo convívio. Em direção contrária, a escola que acredita na concepção de acolhimento e que institucionaliza isso em seu projeto pedagógico, compreende o processo como uma oportunidade de tecer relações, em que todas as ações docentes e organização dos espaços são pensadas para acolher as crianças, contribuindo então para uma renovação da prática educativa de acordo com o que se propõe a escola da infância. Nessa direção, CARVALHO & RADOMSKI (2017, p.46) afirmam que compete a uma especificidade da docência com os bebês a promoção de um ambiente que oportunize as “relações dos bebês entre si, com os objetos e com os adultos”,

diante dessa consideração, acredito que a concepção de acolhimento é bastante adequada para o cotidiano das escolas de educação infantil.

Dentre os conceitos abordados, torna-se relevante destacar que as características que envolvem uma perspectiva de acolhimento são as que mais se assemelham aos princípios do *inserimento*. Seguindo a mesma lógica, conforme destaque no parágrafo anterior, referente ao caráter relacional da perspectiva de acolhimento, a ideia de *inserimento* vem ao encontro desta concepção, em que o período de ingresso da criança na escola é considerado o início de uma série de relacionamentos, com foco nas interações entre adultos-crianças e crianças-crianças, mantendo o equilíbrio entre o grupo social da criança na creche e em casa.

Analisando ainda as divergências entre as concepções, minhas considerações são a respeito do tempo que é designado para que a criança tenha um processo qualitativo de ingresso na escola. Investigando sobre o assunto, Rapoport (2005) encontrou discordâncias entre os autores<sup>11</sup> consultados para definir qual o tempo de duração do período de adaptação, em que poderiam ocorrer desde os primeiros contatos da família com a escola, ou, o ingresso do bebê até o final do primeiro mês, ou ainda, entre três e seis meses após o seu ingresso. As convergências entre os autores podem indicar uma instabilidade e falta de credibilidade no próprio conceito, ou, até mesmo uma necessidade de transformação, visto que já não se encontra consonância entre o tempo que é particular das crianças e o tempo proposto para que elas se adaptem a um novo ambiente. Sob a ótica do *inserimento*, o tempo disponibilizado para as crianças conhecerem e sentirem-se confiantes no novo espaço é de acordo com a necessidade e particularidade de cada família, evidenciando uma atenção quanto à individualidade delas e a concepção de que vivenciam diferentes processos em diferentes tempos, não sendo possível engessar a duração do período de *inserimento*, como acontece no período de adaptação. No que se refere ao tempo do acolhimento, é importante destacar que o mesmo acontece nas mais diversas ações educativas dentro da escola. Ele acontece de forma contínua e em todos os espaços; sendo assim, é evidente o cuidado em respeitar os diferentes tempos das crianças em todas as ações de acolhimento do cotidiano.

Por fim, diante do que proponho neste trabalho, que corresponde refletir e propor alternativas para este processo tão complexo, e por uma escola que seja mais respeitosa e humana, defendo o uso do termo Acolhimento para nomear o início das experiências escolares dos bebês e crianças bem pequenas na creche, por acreditar ser o adequado para atender às necessidades das crianças e famílias, e também, porque o termo adaptação já está

---

<sup>11</sup> Os autores estudados pela autora foram Vitória e Rosseti-Ferreira (1993), Bloom Feshbach e Gaughram (1980) e Fein (1995) e os dados das obras constam para consulta na bibliografia deste trabalho.

desgastado, ausente de aspectos relacionais e permeado de práticas sem fins educativos e descontextualizadas.

Na próxima seção são investigados os fatores envolvidos no processo de construção do vínculo afetivo, a partir da teoria do apego desenvolvida por Bowlby (1990).

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO

Ao buscar inspiração nas palavras de Bowlby (1990), a respeito do vínculo afetivo para o ser humano e o quanto ele nos acompanha desde o nascimento até a morte, é possível refletir acerca da relevância de estabelecermos vínculos afetivos durante toda a nossa vida. O indivíduo humano é um ser social, tornando-se indispensável estabelecermos estas relações de vínculo, que podem ser com familiares, amigos ou colegas de trabalho, para uma boa saúde mental.

As investigações de Bowlby (1990) para compreender a natureza e a origem do vínculo entre a figura materna<sup>12</sup> e bebê, a partir da observação de crianças bem pequenas, quando em uma situação de interação, e após, uma situação de ausência, revelam que desde o nascimento, os bebês têm a competência de realizar determinados comportamentos para chamar a atenção dos adultos para si. Podem ser eles o choro, o contato visual, o sorriso e o toque, a fim de chamar a atenção deste adulto, e assim, garantir a sua sobrevivência por meio do alimento, do afeto e da proximidade. A essa capacidade dos bebês, pertencente a um processo mais complexo e contínuo, o referido autor nomeou de comportamento de apego.

Segundo Bowlby (1990) o comportamento de apego é considerado um comportamento social. Em sua obra sobre o apego, o autor ratifica que esses padrões de comportamento do bebê se desenvolvem a partir de sua interação com o meio em que vive, em especial da interação com a figura materna. Nesse cenário, pode-se dizer que os bebês nascem com a capacidade de estabelecer relações.

O apego é fundamental para a construção da relação entre bebê e cuidador. Segundo GONZALEZ-MENA & EYER (2014, p.94), ele envolve a “proximidade e reatividade positiva a uma criança”, de modo que essas interações que acontecem durante os momentos dedicados aos cuidados dos bebês, constituem uma base para o desenvolvimento de um apego saudável. As autoras referenciadas, baseadas em pesquisas da área da neurociência, asseguram que as crianças bem pequenas dependem de experiências relacionais consistentes e positivas para que possam desenvolver segurança e autoconfiança. Nessa perspectiva, é

---

<sup>12</sup> A figura materna é aquela que dispensa cuidados maternos à criança, a quem ela tem como figura de apego, não necessariamente a mãe.

importante que a criança disponha de cuidadores recíprocos, que realizem práticas de cuidado com qualidade e especialmente positivas, para que elas possam construir este apego, assegurando assim o seu desenvolvimento mental, social e emocional.

A primeira figura de apego de um bebê normalmente é a mãe, em razão de ser a responsável pelos primeiros cuidados de alimentação, contudo devemos considerar novos formatos de configurações familiares, como exemplo acontece nas famílias em que as mães trabalham e passam muito tempo longe de seus bebês. Nesse contexto, a literatura (Bolwby, 1990; Gonzalez-Mena e Eyer, 2014) assegura a dimensão que o apego secundário tem na vida do bebê, para a continuidade dos cuidados, assegurando um desenvolvimento cerebral saudável. Dessa forma, quando constituído em ambiente familiar, o apego secundário pode se estabelecer com a babá, um familiar ou com qualquer outra pessoa que tenha a função de cuidador dele; logo, na escola, é desejável que o mesmo se consolide inicialmente com a professora-referência. É possível então que os bebês tenham nas professoras figuras de apego; no entanto, para que esse vínculo se estabeleça através dos comportamentos de apego, é preciso que haja recorrência e regularidade nos cuidados, além de positivos e de qualidade.

Compreender o processo de apego é compreender o quanto os bebês são competentes desde o nascimento, pois, por meio dos padrões comportamentais que eles manifestam desde muito pequenos, conseguem promover o apego do adulto a fim de assegurar os seus cuidados e sobrevivência. Então, de forma alguma, quando dizemos que um bebê é dependente de um adulto, devemos dar ênfase a uma ideia de que são incapazes ou incompetentes, ao contrário disso, por meio da dependência assegurada pelos comportamentos mutuamente reativos, eles consolidam a “fundação física da confiança” (GONZALEZ-MENA e EYER, 2014, p.98), essencial para que se construa uma relação segura, sendo a base para a estruturação da independência do bebê. Essa mesma confiança constituída servirá de base também para a construção das relações deste, bem como o seu desejo de explorar e aprender sobre o novo ambiente e contexto ao qual foi inserido, demonstrando com essa habilidade uma grande capacidade e potencialidade. Nesse sentido, ao pensar sobre o acolhimento dos bebês na escola, é necessário que as professoras compreendam a dimensão de se estabelecer uma relação baseada na confiança, para que ele consiga sentir-se pertencente ao novo grupo social, e assim, relacionar-se de forma saudável com as professoras, as crianças e com o ambiente.

Em vista disso, é de grande valor que as professoras atuantes em turmas de berçário, busquem conhecimentos a respeito do desenvolvimento dos bebês – cognitivo, social e afetivo – compreendendo melhor o seu comportamento a fim de embasar e orientar as suas práticas educativas, considerando sempre o contexto em que estão inseridas. A partir dessa concepção,

e fundamentada pelos autores apresentados nesta seção, entendo a relevância de uma interação de qualidade entre professora e bebê, em todos os momentos do cotidiano, sempre observando com reciprocidade os interesses dessa criança a fim de conhecê-la, demonstrando interesse na construção dessa nova relação e promovendo a principal função pedagógica da escola da infância, esta que é o aspecto relacional.

### **2.2.1 O cuidado e a sua relação com o vínculo.**

No que se refere à construção do vínculo afetivo, com base nas interações relacionais, Soares (2017) nos guia através das contribuições da abordagem Pikler – desenvolvida pela pediatra e ortopedista Emmi Pikler a partir de suas experiências como médica de família e diretora em uma instituição de acolhimento em Budapeste, Hungria. Segundo a referida autora (SOARES, 2017, p. 16), os princípios desta abordagem são:

- 1) O bebê é um ser capaz desde o nascimento e pode ser um parceiro ativo se o adulto de referência espera e percebe os sinais de reciprocidade.
- 2) O vínculo afetivo com o adulto é fundamental para o desenvolvimento pleno e o momento dos cuidados é o mais propício para que ele aconteça.
- 3) Com segurança afetiva, o bebê e a criança pequena podem se movimentar livremente por longos períodos, sempre assistidos pelo adulto. O brincar livre em ambiente seguro desenvolve iniciativa e autonomia e provoca flexibilidade, equilíbrio e alegria.

Por conseguinte, essas contribuições são relevantes para pensar uma prática de acordo com as necessidades dos bebês e crianças bem pequenas, assim como o que deveria propor a escola da infância: um espaço que considere a capacidade e potencialidade do bebê, em que as relações são recíprocas e busquem a construção de um vínculo afetivo para que as crianças desenvolvam-se plenamente e, a partir dessa segurança afetiva, elas possam brincar livremente nesse novo ambiente desenvolvendo inúmeras outras competências. Deste modo, no que tange o vínculo afetivo, as autoras que defendem a abordagem de Pikler (FALK, 2011 e 2016; SOARES, 2017; CHOKLER, 2017; GONZÁLEZ-MENA e EYER, 2014), acreditam que os momentos dedicados aos cuidados são os que proporcionam um “encontro privilegiado” (SOARES, 2017, p.22) beneficiando assim a construção de um vínculo afetivo, em razão de que seriam esses os momentos em que a professora seria capaz de dedicar um atendimento individualizado ao bebê.

A partir desta afirmativa das autoras, peço que o leitor imagine a rotina de uma turma de berçário: a acolhida das crianças, os momentos das trocas de fraldas, alimentação e a hora do soninho são eventos do cotidiano de uma escola de educação infantil e que ocupam grande parte da rotina escolar. Nessa perspectiva, me questiono o quanto essas ações ainda são realizadas de forma mecanizada nas escolas, desconsiderando todo o contexto educativo em

que elas estão inseridas e, principalmente, o cuidado que deve ser atribuído aos bebês. A principal justificativa para esse acontecimento é o tempo em que a própria rotina se estabelece. Neste quadro, Hoyuelos (2013) contribui para compreendermos que o tempo da criança é um tempo totalmente diferente do adulto, e que a escola da infância precisa ressignificar a sua concepção temporal para que respeite a singularidade das experiências educativas das crianças, favorecendo então para a transformação de um espaço mais adequado às suas necessidades, com aspectos de valorização da rotina de cuidados e para a construção de novas relações.

Diante destas considerações, as referidas autoras reafirmam o aspecto relacional da escola e o quanto os momentos do cotidiano podem ser férteis na construção de um vínculo afetivo na relação. À medida que as relações na escola se desenvolvem, a partir das interações entre professoras e crianças que ocorrem no cotidiano das rotinas de cuidados, as docentes vão conhecendo esse bebê e estreitando os laços afetivos. Segundo Gonzalez-Mena & Eyer (2014), a rotina de cuidados, quando provém de uma interação respeitosa, positivamente reativa e recíproca, promovem o aprendizado e o desenvolvimento do bebê, desse modo, as professoras que trabalham com a faixa etária de 0 a 3 anos, precisam transformar essa rotina em currículo. Pense nas inúmeras ações as quais compõem essa rotina dos bebês: as trocas de fraldas, a alimentação, o aprendizado para uso do banheiro, o vestir-se e o dormir. Pense também na incidência em que os mesmos ocorrem. A rotina do bebê na creche é permeada por esses cuidados; portanto, é essencial que as professoras compreendam a significância destes momentos, a fim de realizar uma prática educativa que atenda as especificidades e singularidades das crianças.

Durante uma troca de fraldas há muito mais envolvido do que apenas a higiene do bebê. Existe uma troca entre a professora e a criança. Uma troca de olhares, de gestos, de sorrisos e, mesmo que o bebê não tenha desenvolvido ainda a linguagem oral, ele tem a capacidade de comunicar muitos sentimentos durante esse momento. Através do controle de seu corpo, ele consegue manifestar quando o toque da professora se torna desagradável durante uma troca, ao se tensionarem os músculos de suas pernas. Do mesmo modo, quando ela conversa e nomeia o que irá acontecer em seguida, solicitando o auxílio daquela criança, ela relaxa o seu corpo e, na troca de olhares com a professora, demonstra o quanto aquele momento é prazeroso para ela.

Durante a hora da alimentação na escola, as ações das professoras não devem ser diferentes. É preciso haver uma sincronia entre os momentos de alimentação que o bebê tem em casa com os que ele tem na escola. Alimentar-se é muito mais do que nutrir o corpo, é

também uma prática social, cultural e emocional e, quando ocorre na escola, deve valorizar a interação entre o bebê e a professora, o bebê e o alimento e, o bebê com as outras crianças. No que tange a interação entre o bebê e a professora, ela deve mostrar-se disponível para essa relação, em vez de simplesmente colocar a comida na boca desse, sem uma troca de olhar, um gesto de reciprocidade, ou até mesmo prestar atenção aos detalhes que ele comunica sobre o tipo de alimento que está ingerindo: se está quente ou frio, se está saboroso ou não. Quanto à interação do bebê com o alimento, é importante permitir que as crianças sintam esse alimento com todos os seus sentidos. Eles precisam visualizar o que estão comendo; portanto, torna-se desfavorável o hábito que algumas professoras têm de esconder determinados alimentos com a finalidade que a criança os aceite comer. Eles precisam perceber os cheiros, assim como, muitas vezes, tocar os alimentos para sentir a textura e a temperatura. Por esse motivo, as professoras devem permitir que os bebês realizem estas experiências ao invés de negá-las com a justificativa de que há muita sujeira. Por acreditar que os momentos em que nos reunimos com pessoas do nosso convívio para realizar uma refeição são extremamente agradáveis, assim como uma oportunidade de partilha, considero a interação entre as crianças durante a hora da refeição na creche significativa para consolidar o aspecto social e cultural desta prática.

Segundo GONZALEZ-MENA & EYER (2014, p. 53), “a chave para um cuidado eficaz é uma boa relação”, por esse motivo deve-se pensar a respeito da rotina de cuidados no acolhimento dos bebês, devido ao fato de que as relações ainda estão sendo construídas e, principalmente, porque o apego que acontece entre a professora e o bebê acontece predominantemente nestes momentos, sendo assim, é preferencial que a mesma realize estes cuidados todos os dias, mantendo uma continuidade e regularidade nas ações, colaborando para a construção da confiança do bebê.

Na próxima seção, serão abordadas algumas tensões encontradas durante o processo de acolhimento dos bebês à creche, assim como a apresentação de alguns desafios e propostas para uma reflexão a partir do campo da Pedagogia da Infância.

### 2.3 TENSÕES/DESAFIOS E PROPOSTAS DE ACOLHIMENTO DE BEBÊS: DISCUTINDO PEDAGOGIAS DA INFÂNCIA

Para uma melhor compreensão sobre a concepção de acolhimento dos bebês faz-se necessário entendermos alguns pontos de tensão existentes em um contexto educativo brasileiro, desse modo, podemos “escapar” de uma possível estratégia de reprodução da prática educacional de um cenário cultural para outro. Além de compreendermos a existência

de tais pontos, é necessário confrontá-los transformando-os em grandes desafios na prática docente, buscando propostas para mudar uma realidade que já não é suficiente para atender as crianças da educação infantil com qualidade.

Desse modo, CARVALHO & RADOMSKI (2017, p.43) destacaram algumas evidências na prática educativa com bebês: “a forma escolar, a dissociação entre o cuidar e o educar, a didática da transmissão, a pedagogia da submissão, as atividades pedagógicas, as rotinas inflexíveis que inviabilizam os tempos de viver a infância, o currículo prescritivo, etc.” Tencionando essas evidências para um contexto de ingresso da criança na escola, considero importante o diálogo a respeito de três pontos de tensão: a rotina familiar e o quanto ela pode interferir em um processo de acolhimento com qualidade; a configuração das turmas de berçário quanto aos espaços e à quantidade de professoras e bebês; e, por fim, a formação continuada.

Iniciando o diálogo sobre os pontos de tensão, é fundamental compreender de qual contexto educativo estamos falando. No Brasil, a necessidade que as famílias têm de trabalhar em uma extensa jornada de trabalho, a fim de garantir o sustento da família, ainda prevalece como o principal motivo do ingresso das crianças à escola. Considerando uma configuração familiar com a figura materna e paterna, a partir da legislação brasileira (BRASIL, 1988) o pai tem o direito a permanecer cinco dias em licença-paternidade, a mesma lei prevê para a mãe o período de cento e vinte dias. Nesse cenário, os processos de acolhimento dos bebês têm início quando eles ainda são muito pequenos, com o agravante de que os familiares possuem pouco tempo disponível para vivenciar este processo. Dessa forma, torna-se comum não haver questionamento por parte dos familiares e professoras sobre a forma como os processos de acolhimento e adaptação se desenvolvem nas instituições, algumas vezes por desconhecimento de toda a teoria que aqui foi abordada, e outras, pelo simples fato de considerarem não haver tempo disponível para modificar esta realidade. Dessa forma, é importante problematizar a respeito das ações que possam ser tomadas para garantir a qualidade do processo, mesmo que a legislação e a configuração familiar não sejam medidas tão fáceis de transformar. Nesse sentido, a escola torna-se responsável por conscientizar os pais quanto às especificidades do processo de acolhimento, informando-os sobre os benefícios da acolhida que respeita o tempo da criança. Uma possibilidade seria a própria instituição produzir um material informativo sobre os princípios de acolhimento da sua escola, em que os pais já pudessem ter um primeiro contato com pontos de extrema importância para a natureza do processo, por exemplo, a relação entre tempo e acolhimento. Aprofundando essa ideia, a

escola poderia organizar encontros com os pais, nos moldes da concepção de *inserimento*, para uma discussão assertiva a respeito de temas pertinentes ao acolhimento.

O segundo ponto de tensão seria a configuração das turmas que atendem a faixa etária de 0 a 3 anos. Uma turma nesta faixa etária que atende muitas crianças pode dificultar os processos de apego e vinculação do bebê com a professora. Mesmo que a escola utilize a premissa de um profissional como figura de referência, quando se tem uma turma com muitos bebês torna-se inviável o cuidado na perspectiva da individualidade. Contudo, as docentes encontram grandes desafios nesse contexto, como a lógica da escola privada, que por ser uma instituição com fins lucrativos, muitas vezes não tem a preocupação com a qualidade da interação entre professora e bebê, ou, se tem, proporciona de forma desumana com um grupo grande de alunos, visando apenas a redução de custos com a contratação de novas professoras. Na esfera pública o desafio é outro. Como uma considerável parte da população utiliza dos serviços públicos e gratuitos de educação, a grande maioria das turmas de creches atua com a capacidade máxima permitida pela legislação, sendo que o principal indicador para a formação destas é a relação da área do espaço com a quantidade de crianças, e não a quantidade de professoras para garantir uma interação qualitativa. Em outros termos, é importante que as instituições considerem grupos menores, a fim de respeitarem as singularidades das crianças, colaborando para que as experiências cotidianas sejam positivas e de qualidade. Se o contexto não possibilita, é preciso buscar maneiras de garantir o direito das crianças de viverem experiências coletivas fora dos moldes de um modelo escolar pré-definido. Sendo assim, as professoras podem organizar pequenos grupos dentro da própria sala, onde cada docente fica responsável pelo acolhimento e interação com o grupo de crianças.

Por fim, o último ponto a ser discutido é o da formação continuada das professoras de berçário. Com a colaboração de Carvalho e Radomski (2017) para compreender a docência com bebês como um campo em construção e com características específicas, é imprescindível que as professoras busquem atualizar-se a respeito dos novos estudos sobre a infância. Nesse sentido, considerando que os bebês possuem múltiplas linguagens, de que forma a professora dá conta de entendê-los, atribuindo significados à forma como eles se expressam? Nesse contexto, os autores referidos anteriormente afirmam que realizar a leitura das múltiplas linguagens do bebê é uma forma de acolhimento que permite a reinvenção da prática educativa. Contudo, muitas professoras ainda persistem em não buscar o conhecimento, reproduzindo nas salas de berçário práticas já descontextualizadas, como exemplo a ação de “entretê-lo” o bebê com brinquedos ou atividades que não lhes interessa, com a finalidade de

que ele pare de chorar e, então, “adapte-se” ao novo contexto social. O desafio aqui é reinventar a própria prática pedagógica, e para isso, é preciso conhecimento e reflexão. Uma alternativa seriam encontros entre as professoras de berçário para a discussão sobre o acolhimento dos bebês e a inserção das crianças na escola. Os encontros poderiam acontecer dentro do horário de planejamento pedagógico, mediados pela discussão de bons textos a respeito da infância.

No próximo capítulo, será apresentado o curso metodológico do trabalho em que exponho as etapas que se fizeram necessárias para a constituição da pesquisa.

### 3 O CURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O ato de pesquisar nos desloca em direção a um caminho de investigação com o propósito de procurar respostas para algum questionamento, descobrindo assim, novas possibilidades e novos conhecimentos. Nesses termos, Gerhardt e Souza (2009) consentem que para se iniciar uma pesquisa, deve-se haver uma pergunta a qual se deseja buscar a resposta. Existe um desejo em compreender algo da realidade em que vivemos. Realidade esta que é constantemente construída por nós. Diante disso, o problema de investigação é o coração da pesquisa, o que a motiva, direciona, articula e move.

A elaboração do meu problema de pesquisa se deu de forma bastante segura. Diante de minhas experiências pessoal e profissional a respeito do processo de ingresso dos bebês na creche e a notável divergência entre elas, considerando-se, a forma como a criança e a família são acolhidas nas diferentes instituições, assim como a importância que estas dão à construção de um vínculo afetivo com a professora-referência, inquietou-me o suficiente para problematizar sobre as diferentes formas que as professoras oportunizam a vivência (e vivem) deste momento para as crianças. Desse modo, o presente trabalho buscou investigar como é pensado pelas professoras de berçário o acolhimento dos bebês de 0 a 3 anos para a construção de um vínculo afetivo durante o seu ingresso na creche.

Seguindo com a descrição de como ocorreu o desdobramento do curso metodológico deste trabalho, assim que realizada a escolha do tema e a formulação do problema de pesquisa, é chegado o momento de delimitar os objetivos da investigação. São eles: 1) apresentar os conceitos de adaptação, *inserimento* e acolhimento e qual a sua contribuição no contexto educativo brasileiro, 2) investigar a importância da construção do vínculo afetivo entre bebê e professora para o processo de acolhimento, 3) analisar as concepções e entendimento das professoras de berçário sobre o processo de acolhimento, 4) identificar os fatores que interferem no acolhimento a partir do olhar das professoras, e 5) Propor alternativas de mudanças qualitativas no processo a partir da bibliografia estudada.

Com os objetivos de pesquisa delineados, surge o momento de fundamentar a pesquisa através do embasamento teórico. Alguns autores conhecidos por mim, no decorrer da minha trajetória acadêmica e docente, (FALK, 2011; FORTUNATI, 2009) tornam-se fundamentais nesta pesquisa, contudo se identificou a necessidade de se realizar uma ampliação do levantamento bibliográfico a respeito dos principais conceitos abordados no estudo para apropriação da própria pesquisadora.

Nessa perspectiva ao dissertar sobre a adaptação, a contribuição de Rapoport (2005) e Rapoport & Piccinini (2001), elucida e motiva a discussão a respeito do processo de ingresso da criança na escola. Refletindo a respeito da obra dos autores, problematizo o quanto o termo adaptação ainda está permeado pela imagem de que é a criança quem se adapta ao meio, transferindo para ela a responsabilidade do sucesso ou insucesso do processo. Outro ponto que destaco, é sobre uma ampliação da participação das famílias, e não apenas nos primeiros dias em que a criança chega à escola. Os autores nos auxiliam na compreensão de que o processo de inserção - assim como a participação dos responsáveis - tem o seu início ainda nos movimentos de escolha da creche e estendendo-se até que a criança esteja efetivamente adaptada. Dialogando ainda sobre o conceito, reflexiono acerca da configuração do tempo que as instituições concedem às crianças para se adaptarem ao novo espaço e aos novos adultos e crianças em seu cotidiano. Para fazer este contraponto trago a contribuição de Hoyuelos (2015), que nos provoca a pensar outro tempo para as crianças na escola da infância, um tempo autêntico e harmônico em relação às suas necessidades.

Promovendo a compreensão em relação à concepção de *inserimento*, as autoras Mantovani e Terzi (1998) e Bove (2002) apresentam a experiência educativa italiana, cujos princípios têm muito a contribuir na reflexão acerca do ingresso da primeira infância na escola. Um exemplo são as experiências singulares do cotidiano, em que todas as ações das professoras, desde o trocar de fraldas, ou então, a hora da refeição, são pensadas de forma respeitosa com a criança, reconhecendo-a em sua capacidade e potencialidade. A participação das famílias também é muito estimada neste processo, visto que o bem-estar da mãe está intrinsecamente ligado com o bem-estar do bebê; por esse motivo, as famílias são bem-vindas durante todo o processo de *inserimento* da criança. Enfim, o período de *inserimento*, sob a ótica das autoras, não se trata exclusivamente da separação entre mãe e filho, que é uma concepção até mesmo ultrapassada, mas sim, de olhar a escola como um lugar para construção de novas relações deste bebê e família.

Em seguida ao falarmos sobre o acolhimento, Staccioli (2013) o caracteriza como um método de trabalho, assim, por conseguinte, é um modo de ser do professor e que ele dissemina em todas as suas ações dentro da escola: ao organizar um ambiente ou ao receber uma criança no início do dia, ou seja, nos diferentes tempos e espaços da escola da infância.

Concluído o levantamento bibliográfico para embasar teoricamente a pesquisa, sigo com o curso metodológico deste estudo, o trabalho de campo, em que se faz necessária a escolha de uma técnica de produção de dados. Nesse sentido, embasada nos escritos de

Gerhardt e Souza (2009) que dividem esse processo em três etapas, me fiz o seguinte questionamento: Quais dados produzir? Com quem? E como?

O questionamento sobre “quais dados produzir?”, deve ser atendido com dados pertinentes para que o pesquisador possa testar as suas hipóteses. A respeito de “com quem?”, é necessário realizar um recorte no campo de análises, considerando os espaços geográfico, social e temporal, optando por uma amostra representativa (de ordem quantitativa) ou ilustrativa (de ordem qualitativa). Finalizando com a questão “como?”, é o momento de decidir por um instrumento de coleta que forneça informações adequadas e necessárias para a pesquisa. Ponderando sobre as questões e o objetivo do meu estudo, que é investigar o que pensam as professoras de berçário a respeito acolhimento e vínculo afetivo durante o período de ingresso da criança à escola, opto como instrumento de produção de dados a entrevista.

Ao decidir pelas entrevistas como estratégia de produção de dados me fundamento em Rosa (2006, p.14), que enxerga uma complexidade por ser um instrumento cujo propósito depende de alguns fatores pré-estabelecidos, sendo alguns deles:

- a) O problema em questão será realmente solucionado através a contribuição da utilização dessa técnica?
- b) De todas as técnicas de coleta de dados, essa é a que melhor viabilizará o desenvolvimento da pesquisa, fazendo-a fluir, complementando-a e respondendo a todas as dúvidas, com validação?
- c) O entrevistador é um profundo conhecedor do tema sobre o qual fará questionamentos?
- d) O entrevistador está preparado psíquica e fisicamente para o desenvolvimento da Entrevista?
- e) O entrevistador é capacitado e preparado para efetivar a formulação de questões inesperadas, que, na condução da Entrevista, se fizerem necessárias?
- f) O entrevistador está capacitado para analisar e codificar corretamente os dados obtidos através das respostas, e com o devido discernimento?
- g) O entrevistador tem como proceder com adequação à seleção dos sujeitos para a Entrevista e de maneira justificável?

Sendo assim, utilizando-me de alguns desses fatores, e considerando o problema de pesquisa anteriormente apresentado, a escolha das entrevistas como estratégia de produção de dados é essencial, pois são as opiniões das professoras de berçário que trarão o significado à investigação, juntamente com o embasamento teórico, produzindo conhecimentos a respeito de como é pensado por elas o processo de chegada dos bebês na escola.

O fato de eu ter vivido uma experiência singular, realizando o acolhimento dos bebês em uma turma de Nível 1 de uma instituição privada, que se inspira em um modelo educacional italiano, aliado ao embasamento teórico apurado neste estudo, suponho ter um conhecimento adequado e plenas condições para se realizarem os questionamentos durante a entrevista, assim como, se necessário, se efetivar a formulação de algumas questões imprevistas.

Uma das possibilidades de produção de dados dentro da pesquisa de abordagem qualitativa são as entrevistas, que podem ser estruturadas, semiestruturadas e livres. No que tange à entrevista estruturada, possui como característica questões objetivamente elaboradas e de respostas precisas, com pouca margem a possíveis discussões e de propriedade seletiva, visto que ela condiciona no momento em que são abordadas questões referentes ao conhecimento sobre o tema. Nesse sentido, esse estilo de pesquisa para a resolução do problema torna-se inviável, de modo que a ideia não é avaliar objetivamente o que as professoras sabem sobre o tema, mas sim, como elas pensam o momento do ingresso dos bebês na creche.

As entrevistas livres caracterizam-se por não haver um roteiro de perguntas a ser seguido. Os entrevistados realizam um relato oral, desenvolvendo suas ideias com mínima interferência do pesquisador. A sequência e a seleção do que vai ser relatado fica sob responsabilidade do entrevistado. Sendo assim, como a presente pesquisa se propõe a investigar os pontos de vista das professoras a respeito de importantes conceitos – adaptação, acolhimento, vínculo afetivo – a entrevista livre como técnica de produção de dados não seria uma opção assertiva, em razão de que alguma discussão significativa poderia não ser abordada.

Já as entrevistas semiestruturadas possuem questões que devem ser “formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados” (ROSA, 2006, p.30), desse modo, esse tipo de entrevista permite a fruição da subjetividade dos sujeitos. De acordo com o nível de estruturação de roteiro, opto pela entrevista semiestruturada para a realização deste estudo por permitir a elaboração de questões abertas que possibilitam a reflexão, mas que também abordam tópicos previamente selecionados.

Para a elaboração das questões utilizadas na entrevista<sup>13</sup>, levaram-se em consideração alguns aspectos que foram abordados durante a pesquisa e que integram os objetivos deste estudo. A partir destes aspectos, foram organizados quatro blocos de perguntas específicas sobre adaptação, acolhimento, vínculo afetivo e participação das famílias, além das questões sobre os dados pessoais e profissionais do entrevistado. Diante disso, no bloco das questões sobre a adaptação, foram priorizadas perguntas para identificar como acontece o processo de inserção da criança nas diferentes escolas, assim como, a opinião das professoras sobre os fatores de interferência e possíveis indicadores que indiquem o término do processo. Em

---

<sup>13</sup> O roteiro utilizado durante as entrevistas encontra-se nos apêndices do trabalho.

seguida, as questões sobre o acolhimento e vínculo afetivo buscam identificar como as professoras pensam a acolhida das crianças na escola e como elas se preparam para recebê-los. Sobre o bloco de questões a respeito da participação das famílias, as perguntas foram elaboradas para investigar como elas estão participando do processo e qual a importância dele na opinião das professoras.

Definidas as questões, é dado o momento de realizar mais um recorte na pesquisa: selecionar os participantes da entrevista. Para isso, foi tomada a cautela de selecionar os sujeitos que tivessem relação direta com os objetivos da entrevista, neste caso: as professoras atuantes em turmas de 0 a 3 anos.

Pensando sobre o número de entrevistas e de acordo com Rosa (2006), na pesquisa de abordagem qualitativa, não é a quantidade de pessoas entrevistadas que tem relevância, mas que, sim, com as opiniões dos participantes se atinja o grau de respostas exigido para que com a análise dos dados se consiga responder ao problema de pesquisa. A partir disso, o estudo terá como base as entrevistas de quatro professoras atuantes em turmas de 0 a 3 anos, sendo duas delas de escola pública e as demais de escola privada.

Levando em consideração os aspectos éticos em uma pesquisa realizada com seres humanos, no âmbito das ciências humanas, para o aceite das professoras à participação nas entrevistas, foi elaborado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE<sup>14</sup>), com a proposta da presente pesquisa no que tange seu objetivo e ao comprometimento com os valores éticos envolvidos. O TCLE ainda assegura o sigilo das informações compartilhadas, não oferecendo risco ou prejuízo aos participantes. Nesse contexto, ROSA apud VIEIRA e HOSSNE (2006, p.69) afirmam que “a palavra consentimento implica uma ideia de atitude tomada por livre e espontânea vontade, mas não com pleno conhecimento dos fatos”; portanto, o participante, mesmo concordando em participar da entrevista, tem total liberdade de desistir dela se por ventura sentir-se pressionado, coagido, humilhado. Nesse cenário, é importante que haja uma relação de confiança, entre entrevistado e entrevistador, em que todos os pontos da pesquisa estejam esclarecidos, evitando possíveis mal-entendidos e, assim, contribuindo para o êxito dos objetivos da pesquisa.

Ao término das entrevistas, e partindo para o estágio da análise dos conteúdos, utilizo-me do referencial de Bardin (2011), que apresenta três fases nesta etapa: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A pré-análise é a fase de sistematização e organização dos dados, e geralmente possui três ações: a escolha dos documentos para a

---

<sup>14</sup> O Termo de consentimento livre e esclarecido encontra-se nos apêndices do trabalho.

análise, a formulação de hipóteses e objetivos e por último, a elaboração de indicadores que irão fundamentar a interpretação final. Sendo assim, para sistematizar e organizar os dados, as entrevistas serão transcritas utilizando como ferramenta um arquivo de editor de texto do computador, facilitando assim a organização para a etapa seguinte, que é organizar as respostas das professoras conforme as questões, buscando nos relatos das entrevistadas o que é recorrente, o que diverge e converge para poder construir as unidades de análise que serão apresentadas neste trabalho.

Diante disso, para a conclusão deste capítulo, considero válido comunicar a minha participação nos cursos “Adaptação na Educação Infantil” e “Acolhimento na Educação Infantil”, ministrados respectivamente por Luciane Magalhães Corte Real e Jaqueline Santos Picetti, no Instituto Ciência e Saber, localizado no município de Porto Alegre, com o intuito de conhecer mais sobre o assunto e poder ouvir os anseios, opiniões e reflexões de outras professoras atuantes em turmas de 0 a 3 anos. Faço destaque também para o uso dos registros dos diário de campo e pessoal para oportunizar momentos de tensionamento entre a experiência por mim vivida e o embasamento teórico utilizado. No diário de campo, narro minha experiência docente em uma turma de acolhimento (Nível 1) de escola privada; no diário pessoal, relato duas experiências: a adaptação escolar da minha filha caçula e o meu primeiro dia como educadora assistente em uma escola de educação infantil.

Desse modo, no próximo capítulo serão apresentadas as unidades de análise desenvolvidas a partir das reflexões sobre a teoria utilizada, assim como do trabalho de campo realizado.

## 4 REFLETINDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DOCENTES

A partir dos eixos conceituais apresentados neste trabalho – adaptação (RAPOPORT, 2005), acolhimento (STACCIOLI, 2013), vínculo afetivo (BOLWBY, 1990) - foram elaboradas questões que foram respondidas pelas professoras atuantes em turmas com crianças de 0 a 3 anos durante as entrevistas semiestruturadas, a fim de se investigar o que pensam elas a respeito do processo de acolhimento dos bebês na escola. Dentre os blocos de questões que foram desenvolvidas a partir dos eixos abordados, foram selecionados três para a construção das categorias de análise - acolhimento, vínculo afetivo e participação das famílias. A escolha desses três eixos deve-se à importância que eles têm para a base desta pesquisa. Sendo assim, na etapa de análise dos conteúdos, após a sistematização e organização dos dados, foi identificado nos relatos das entrevistadas o que era recorrente, divergente e convergente em cada eixo conceitual, com a intenção de construir as unidades de análise apresentadas nas próximas subseções.

### 4.1 O ACOLHIMENTO

De acordo com o que se propõe este trabalho, que é compreender o acolhimento como uma possibilidade de ação docente durante o processo de ingresso da criança à creche, assim como uma prática integrada a todos os acontecimentos do cotidiano da escola da infância, a pesquisa buscou investigar as opiniões das professoras a respeito desta abordagem, em vez da antiga concepção de adaptação.

A partir da análise das questões das entrevistas – Como é pensado o acolhimento dos bebês no processo de adaptação? De que forma você se prepara para iniciar uma nova adaptação? Existe algum cuidado quanto ao espaço físico para o acolhimento de novos bebês? Quais ações de acolhida você destacaria na rotina? - foi possível observar na fala de duas professoras uma inquietação quanto à necessidade de se sentirem preparadas emocionalmente para iniciar o acolhimento dos bebês durante o seu ingresso à creche. Os relatos destacaram que elas acreditam na importância de sentirem-se bem consigo mesmas, assim como tranquilas e seguras, em um contexto emocional favorável para o estabelecimento do vínculo com a criança, e assim, proporcionar um acolhimento que seja recíproco e singular, conforme aponta o trecho abaixo<sup>15</sup>:

---

<sup>15</sup> Com a finalidade de garantir o anonimato das professoras participantes da pesquisa, optei por nomeá-las pela letra P (professora), seguida do número (1-6) conforme a ordem da transcrição das entrevistas.

P1: Eu acho que é muito psicológico assim, porque claro a gente vê muitas coisas que as crianças gostam e tenta trazer para a sala, a gente vê imagens do que gosta, livro que gosta, alguma coisa mais material, mas eu acredito que **a parte psicológica é fundamental no professor nesse processo**, então, eu como uma das pessoas que faz a adaptação das crianças, **eu me tranquilizo muito** antes de receber uma nova criança, vou lá e **escuto uma música que eu gosto, faço alguma coisa que eu tenho prazer**, primeiro pra mim e aí eu **procuro ficar relaxada** assim. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P3: **E se preparar psicologicamente**, também de tu saber que vai ter choro, eles vão precisar criar um vínculo contigo né, então **eu acho que me preparei dessa forma assim, mais emocional pra passar pra eles confiança** de construir um vínculo com eles, **pra eles ter confiança em mim mesmo**. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

As professoras revelam algumas ações iniciais, no processo de acolhimento dos bebês, voltadas ao seu próprio bem-estar antes de efetivamente acolher estas crianças no espaço escolar. Para elas, fazer algo que gostam pode lhes oferecer o bem-estar necessário para manterem-se tranquilas e confiantes durante o processo de acolhimento. A partir da manifestação das professoras, coloco-me a refletir sobre o quanto é discutido a respeito das crianças e famílias durante o seu ingresso à escola, mas pouco se questiona a respeito desta profissional que irá recebê-los para a construção dessa nova relação. Conforme apontado nesta pesquisa, tanto os autores que dissertam a respeito da adaptação, quanto aos que defendem o *inserimento* e acolhimento, destacam a importância da tríade: criança - família - escola; portanto, não podemos desconsiderar a participação docente neste processo. Como será a acolhida das crianças, se a professora responsável não se sentir preparada, segura e confiante para tal?

De acordo com Rapoport (2005), os professores devem ter uma disponibilidade tanto física quanto emocional na docência com bebês, principalmente neste primeiro momento em que estão chegando à escola, período em que estão sendo construídas, muitas vezes, as primeiras relações deste bebê longe do seu grupo familiar. A referida autora afirma também que a docência com os bebês é um trabalho bastante complexo, em que os cuidados exigem grande disponibilidade emocional, durante uma extensa jornada de trabalho em que a professora precisa ser responsiva e recíproca com os bebês o tempo inteiro. Nesse sentido, a concepção de acolhimento sugere a mesma complexidade do trabalho docente, no qual Catarsi (2013) evidencia o que propõe o Decreto Ministerial <sup>16</sup>(1991):

Ser professor de pré-escola implica, hoje, um perfil muito complexo, de grande responsabilidade, e requer o domínio de competências culturais, pedagógicas, psicológicas, metodológicas e didáticas específicas, juntamente com uma sensibilidade aberta e disponibilidade para a relação educativa com as crianças.

<sup>16</sup> Trata-se do Decreto Ministerial de 3 de junho de 1991. Nuovi Orientamenti per una nuova scuola dell'infanzia, tradução do italiano publicado no Brasil no Caderno Cedes, n.37, 1995.

É observável que, da mesma forma com que as professoras trouxeram a segurança dos pais como um dos principais fatores que podem dificultar o ingresso das crianças à escola (ver seção 4.3 que refere-se a respeito da participação das famílias), as professoras também preocupam-se em se manterem emocionalmente seguras para esse encontro com o bebê durante o período de acolhimento, por acreditarem ser fundamental para a construção deste vínculo.

Quando questionadas a respeito de como pensam o acolhimento dos bebês durante o processo de inserção na escola, as professoras trouxeram respostas bem variadas:

P1: Eu acredito que parte muito do respeito das individualidades de cada um assim, a gente fala que adaptação e acolhimento devem andar juntos na verdade, que eles são diferentes mas eles conversam né, eu acredito muito que **o acolhimento se dá muito antes do processo de adaptação na verdade, porque primeiro tu acolhe a família depois tu acolhe essa criança**, tu respeita esse tempo dela de estar contigo ou não, porque os pais participam muito desse processo, eu acho que aí é que a gente consegue acolher tanto a criança quanto a família na escola. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P2: A turma que eu atuo né, hoje alguns já iniciando com três, dois anos e pouco, a gente sempre faz com grupos menores, e **a gente sempre procura que aquele momento seja um momento agradável em um espaço ao ar livre, não só na praça mas também em alguns espaços do pátio**, e aí com alguns materiais dispostos, sempre tem aquele momento de acolhimento com alguma proposta pra eles, e muito flexível assim, conforme a criança vai reagir, vai ser esse desvinculo com a família no início. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P3: **Normalmente eu chegava, convidava a mãe pra entrar, a gente sentava, pegava um brinquedo ou se ela trazia um brinquedo de casa eu pedia pra ela me contar como que era o brinquedo, como fazia**, e sempre com alguma coisa dela né, pra eu conhecer ela e pra ela me conhecer, aí eu falava “olha aqui a profe, tu gosta da cor vermelha?” eu ia com um batom bem chamativo né? Aí dava um beijinho na mão e ela olhava assim “ah, o beijinho” e sempre com coisas bem próximas dela assim né, “ah que cor que tu gosta, vamos pegar aquele brinquedo?” e vinha com a mãozinha, pegava na mãozinha “ah mostra pra profe o que tu quer brincar, vamos brincar”, sempre assim, nessa semana de adaptação. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P4: A gente sempre ali no início quando vai pensar o espaço da sala, **a gente sempre faz um cantinho de acolhida, pra que a gente possa acolher eles**, os pais ficam um pouquinho mas aí tem que ter um lugar ali onde vão, aí a gente pensou num cantinho de acolhida onde a gente pendurou alguns brinquedos né, **a gente disponibilizou alguns brinquedos de materialidades diversificadas** e também algumas coisas penduradas assim no estilo móbile, pra gente saber qual o brinquedo que a criança tem preferência, alguns ali naquele início brincam com o corpo, os mais novinhos, não se apegam muito com brinquedos assim, mas a gente sempre prepara todo o espaço pensando nesses bebês que estão chegando. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

Diante de uma análise das respostas das professoras quanto à sua diversidade, destaco que elas possuem concepções diferentes sobre o acolhimento das crianças na creche. Algumas professoras relacionam o acolhimento com o ato de receber a criança na creche, como destaco na fala das professoras entrevistadas (P2, P3 e P4), em que as suas ações são direcionadas

para oportunizar momentos que sejam agradáveis na chegada da criança à escola para que ela sinta-se confortável, assim como uma preocupação com os espaços de acolhimento destas mesmas crianças. A partir disso, quando a professora (P3) diz “*e sempre com alguma coisa dela né, pra eu conhecer ela e pra ela me conhecer*”, e em seguida, “*ah, que cor que tu gosta, vamos pegar aquele brinquedo?*” e vinha com a mãozinha, pegava na mãozinha “*ah, mostra pra profe o que tu quer brincar, vamos brincar*”, ela realiza duas ações distintas: a primeira demonstra uma intenção de que essa relação se inicie a partir de algo do interesse da criança, e a outra com o interesse de “entretê-la” com brinquedos ou atividades que muitas vezes não são do seu interesse. Esta segunda ação da professora pode provir de um desconhecimento sobre o que fazer com os bebês na creche, então se oferecem múltiplas possibilidades para que ele se engaje em alguma atividade e, assim, se conecte com a professora durante o seu ingresso na escola. De acordo com Carvalho e Radomski (2017), a formação continuada das professoras é essencial para a sua atualização a respeito dos estudos sobre a infância e para que possam compreender as suas múltiplas linguagens, pois é no contexto da significação que a professora atribui a elas que ocorre o acolhimento do bebê na creche, evitando práticas descontextualizadas.

O conceito de acolhimento trazido por Stacioli (2013), afirma que ele não se limita a receber a criança no início do dia, ou então, na sua primeira semana na escola. Os aspectos do acolhimento devem estar presentes em todas as ações educativas, na acolhida inicial, nas trocas de fraldas, durante a alimentação e nos momentos de descanso, tornando o processo relacional, que é o que se deve propor na docência com os bebês. Esse aspecto é trazido pelas professoras (P1 e P2) quando questionadas a respeito de suas ações de acolhida no cotidiano, como podemos observar abaixo:

**P1: E tem outras coisas também no cotidiano que eu acho que é importante que acontece o acolhimento, é na troca de fraldas, na escovação, nesses momentos de higiene pessoal que a gente acredita também que é muito importante,** porque é uma parte do corpo, tocar no corpo de um bebê que nunca foi tocado antes por ti pelo menos né, precisa ser muito respeitado. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

**P2: Acho que isso não é só no momento do acolhimento, mas acho de que tu ter um contato, até nas situações do dia a dia né, por exemplo tu limpar o nariz, de tu conseguir baixar na altura daquela criança, olhar no olho e falar o que tu vai fazer né,** não só a criança tá chorando e tu “ah deu já vai passar”, não, a criança tá chorando porque ela acredita que ainda tem algo nela manifestando aquela vontade de chorar. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

Ao encontro da concepção de Staccioli, as autoras Gonzalez-Mena & Eyer (2014) afirmam que é essa rotina de cuidados que proporcionam momentos de encontro, em que a professora pode dedicar-se a um momento de acolhimento exclusivo e individualizado ao

bebê. Portanto, percebo que estas professoras possuem um olhar sensível aos acontecimentos do cotidiano e a crença de o quanto se tornam importantes e significativos para a criança quando abordados sob a ótica do acolhimento.

Outro aspecto bem importante a respeito desta concepção é a acolhida que se faz também com os familiares dos bebês. Esse aspecto evidencia-se frequentemente na fala da professora (P1), que diz *“primeiro tu acolhe a família depois tu acolhe essa criança, tu respeita esse tempo dela de estar contigo ou não, porque os pais participam muito desse processo, eu acho que aí é que a gente consegue acolher tanto a criança quanto a família na escola”*. Essa mesma compreensão manifesta-se também quando a professora é questionada a respeito de suas ações de acolhida no cotidiano da escola, como podemos observar:

P1: A gente respeita muito quando os pais chegam na escola eles não querem só chegar e deixar os seus filhos, eles não querem só chegar e pegar os seus filhos na escola, como se ali fosse um depósito, ou, “agora tá pronto e eu vou levar pra casa porque tá limpo”, não né, **eles querem saber um pouco mais do que aconteceu, eles querem saber o que tu tá preparando para aquele dia, então a gente sempre conversa muito com os pais quando eles chegam** e enquanto isso a criança fica ali, ela mostra para o pai alguma coisa que gostou do dia anterior. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

O ponto de vista da professora (P1) a respeito da acolhida das famílias durante o ingresso dos bebês à creche, corrobora com uma das premissas do acolhimento, que é estender esse cuidado também às famílias. Para Staccioli (2013), as famílias são parte importante do mundo das crianças e durante a sua inserção à escola, são relações que não devem ser negligenciadas, mas sim, pensadas como parte fundamental do processo. A escola, assim como as docentes, deve ser receptiva às famílias, construindo o seu caráter relacional a partir das relações que se iniciam antes mesmo de a criança ingressar na creche, já nos primeiros contatos das famílias, seja nas visitas, durante a entrevista inicial ou nas primeiras reuniões. Estas ações devem estender-se durante o período de acolhimento, relatando aos pais sobre como está sendo o processo da criança na escola, comunicando as suas vivências e experiências não somente para que eles se sintam tranquilos, mas principalmente, para difundir uma ideia de bebê potente, que mesmo com tão pouca idade já é capaz de tecer relações e construir aprendizados a partir de suas experimentações.

Nesse cenário, de acordo com a contribuição de Staccioli (2013) e a partir das análises das entrevistas, foi possível identificar nas ações das professoras de berçário, traços importantes que contemplam a concepção de acolhimento como uma proposta de trabalho na inserção dos bebês à creche, evidenciadas nas ações de acolhida do bebê e das famílias e no reconhecimento da criança como um sujeito de direitos e que necessita de um processo

autêntico que contemple sua singularidade. Aponto também que se trata de um movimento ainda muito tímido, em que se torna importante que estas professoras continuem estudando a respeito desta concepção para que a mesma se consolide como uma abordagem efetiva dentro do processo educativo brasileiro.

#### 4.2 O VÍNCULO AFETIVO

Como são construídos os vínculos afetivos com as mais variadas pessoas e de intensidades tão distintas ao longo de nossas vidas? Quais as ações que estão por trás da construção desse vínculo com alguém? Por que algumas vezes construímos laços tão fortes com alguma pessoa, e com outras não? E como tudo isso ocorre dentro do contexto de vida coletiva qual a escola se propõe?

Para uma melhor compreensão a respeito de como as professoras pensam a construção do vínculo afetivo no período de acolhimento, foram elaboradas questões – Na sua opinião, qual a importância do vínculo afetivo no processo de adaptação? Quais as suas ações docentes para a construção do vínculo com o bebê? Houve alguma situação em que você não conseguiu construir um vínculo com a criança? – que abordassem principalmente o ponto de vista delas sobre esta concepção durante o ingresso do bebê na creche.

Durante a análise das entrevistas, foi possível observar que todas as professoras consideram o vínculo afetivo que é construído com o bebê durante o seu ingresso à creche extremamente importante para o seu bem-estar psíquico e emocional, da mesma forma que um fator considerável para a objetividade do processo, tal opinião fica bastante clara nos trechos a seguir:

P1: **Fundamental**, ele é a base de tudo. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P2: Desse cuidado, dessa segurança, daquela criança se sentir segura comigo, não uma coisa muito de apego assim, não vejo como isso, mas daquela criança se sentir segura que eu tô ali para cuidar dela, pra compreender ela sabe?, pra atender as necessidades dela, então eu considero bem importante esse vínculo, **até procuro assim ter a questão do carinho, do cuidado, de toque de afeto mesmo sabe**, disso eu tenho bastante. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P3: Eu acho que toda né, pra mim o vínculo é, não só da criança mas dos pais principalmente sabe, os pais precisam ver que o filho tá bem com o professor pra poder deixar ele, porque as vezes elas me pareciam assim apreensivas de estar largando o bebezinho ali sabe, algumas chegam e “ah tchau filho”, mas algumas não, elas ficam “ah eu vou deixar ele”, então do pai perceber que tu é querida, tu vai cuidar do filho dele. **E nesses primeiros anos o cuidado né, o afeto que o professor tem precisa ser forte**, tu vai desenvolver conhecimento nas crianças mas ah tu vai trocar ele, poxa, **se tu não tiver afeto pra trocar o bebê o que ele vai se sentir?** Que é um saco de batata né, não, ele precisa sentir o carinho por ele. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P4: **O vínculo eu acho que ele é essencial nesse período de adaptação**, ela vai criar vínculo não só com a pessoa, mas com um brinquedo, com o espaço, com alguma coisa de sala, o vínculo é muito importante, e claro que com as profes mais ainda, acho que é muito importante sim, eu acho que eles tem que criar vinculo de alguma forma assim sabe. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

Foi possível constatar na posição das professoras que a construção de um vínculo afetivo durante o período de acolhimento dos bebês na creche é fundamental para um processo que seja adequado às necessidades das crianças. Considerando o aspecto relacional que a escola necessita e, a partir da análise das respostas das professoras, acredito que o vínculo estabelecido com a criança garantirá a confiança necessária para que ela construa novas relações neste novo espaço. Nesse sentido, Bowlby (1990) destaca que os bebês já nascem com a capacidade de estabelecer relações; contudo, é importante que as interações entre professora e bebê sejam recíprocas e positivas, constituindo a base para o desenvolvimento de um apego saudável.

Ainda sobre o apego, Gonzalez-Mena & Eyer (2014) destacam que o mesmo é fundamental para a construção de uma relação entre o bebê e o adulto, nesse sentido, um acolhimento permeado de experiências positivamente reativas e fundada em um interesse do adulto em estabelecer esse laço com o bebê, contribui para que ele se sinta seguro e confiante com esta professora, possibilitando uma relação recíproca entre os dois.

Ainda sobre a importância do vínculo, algumas professoras (P2 e P3) destacaram a importância que o afeto tem para fortalecer essa relação durante o acolhimento. A afetividade para Wallon (1979) é essencialmente humana, em que as emoções são a sua exteriorização e está relacionada com as experiências individuais dentro de um contexto coletivo sendo um instrumento de sociabilidade altamente especializado. Desse modo, a construção do vínculo afetivo tem associação com o encontro entre duas ou mais pessoas.

Na fala da professora (P2), podemos identificar toda a sua preocupação em estabelecer um vínculo com as crianças a partir de um cuidado baseado na afetividade. Mesmo ela não considerando essa relação que acontece entre professora e bebê uma questão de apego, os estudos de Gonzalez-Mena & Eyer (2014) apontam que se trata de um apego secundário, essa capacidade que o bebê tem de estabelecer relação com uma cuidadora diferente da mãe. As autoras também apontam algumas diferenças entre o apego que é consolidado com a figura materna com o que é construído com a professora no âmbito da creche. Uma dessas diferenças é em relação à duração da relação. A duração do apego com os pais pode durar uma vida inteira, enquanto que essa mesma relação com a professora prevalece por um tempo

bem menor; diante disso, a permanência da relação adulto/criança é diferente quando se trata dos pais e professoras.

Ainda sob essa perspectiva, me questiono sobre o destaque que a professora entrevistada (P2) faz a respeito da conduta de algumas profissionais em não consolidar o afeto como uma prática docente para o acolhimento das crianças à creche. Neste sentido, acredito ser fundamental que, durante a docência com os bebês, as profissionais repensem as suas práticas e planejem acolher com afeto as crianças, não somente as que estão chegando à escola, mas também, as que já estão inseridas no cotidiano da escola da infância. Sendo assim, compreendo que o afeto é muito importante para a formação do vínculo com a professora, para que a criança estabeleça uma relação baseada na confiança e sinta-se segura neste novo ambiente.

Analisando as respostas das docentes entrevistadas a respeito de suas ações para a construção desse vínculo afetivo entre professora e bebê, destaco uma preocupação das professoras (P1, P2 e P3) em compreender este bebê, saber realmente as suas necessidades. As professoras revelaram uma atenção quanto à importância de conseguir entender o que a criança precisa, através da forma como elas se expressam para construir esse vínculo com ela durante o acolhimento. Os trechos abaixo evidenciam este pensamento:

P1: A gente discute muito ainda sobre isso, sobre o que é o vínculo e como ele se estabelece com os bebês, então eu acredito que o vínculo é construído ao longo do tempo, ele é construído quando a criança vem e te oferece um brinquedo, é quando tu consegue retribuir esse olhar esse cuidado com ela, ele é construído quando bate, não sei, eu não posso ser muito superficial mas, eu acredito que ele acontece quando o profissional gosta de estar fazendo o que faz, porque aí eu acho que tem um outro tipo de relação, nesse processo de adaptação e acolhimento dos bebês, porque quando o profissional está ali porque quer está ali, ele consegue se vincular com as crianças, **ele consegue oferecer aquilo que elas precisam**, que é o carinho, que é o cuidado. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P2: Eu acho que durante todo processo a gente vai tendo essa postura assim como eu te disse, de me baixar, de olhar no olho dela, **de ter essa preocupação no modo como eu entendo cada uma delas** né, tem algumas ainda que não falam como é que eu vou conseguir entender o que ela tá conseguindo me expressar né. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P3: É que é muito espontâneo sabe da gente, acho que eu já falei do abraço, do carinho, do beijo, **de entender eles**, às vezes eles querem ouvir uma música e não obrigam ouvir todo o cd pra chegar naquela música. Não! Bota a música. Então tu vê que eles já te retribuem sabe, eles falam na música que eles não querem “não não”, aí quando tu coloca a que eles querem eles te dão aquele sorriso e vem e querem dançar contigo sabe. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P4: Muita conversa, **a gente conversa muito com os bebês e a gente costuma sempre antecipar algumas ações que a gente vai fazer** “agora a gente vai comer um papá, a profe vai trazer os cadeirões”, ou se a gente vai fazer alguma brincadeira “agora a profe vai contar uma história, vamos colocar as almofadas”, vou mostrando os livros, vou mostrando os elementos que a gente vai usar, **a gente sempre procura antecipar para o bebê estar preparado para aquilo que vai vir**, até na troca de fraldas, tô sempre conversando “ah essa fralda não tá legal, vamos trocar, vamos tirar esse xixi, tá muito frio, pra ti não ficar molhado”, até quando a criança tá chorando também eu gosto de falar “eu sei que é difícil vir pra escola, é difícil separar da mãe, do pai, se tem irmãos também, mas é importante, aqui também é legal, olha só quantos amigos que tu já fez, tem as profes também que não é a mesma coisa que a mãe mas tá ali naquele papel, o que tu precisar a profe vai estar aqui”, a gente sempre vai conversando com eles porque isso parece que dá uma confortada. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

Nesta perspectiva, percebo um movimento das professoras em basear as suas práticas a partir de uma relação sincera com as crianças, na tentativa de compreender suas individualidades, e assim, proporcionar um acolhimento digno e que atenda às suas necessidades dentro do contexto de vida coletiva na escola. Segundo Carvalho e Radomski (2017), este é um caráter necessário para a reinvenção da prática educativa na creche, assim como um grande desafio, afinal a professora precisa estar disponível para acolher as múltiplas linguagens dos bebês, assim como atribuir significado a elas, desprezando antigas concepções que desconsideram as crianças em suas potencialidades, individualidades e singularidades.

Ainda a respeito das ações docentes que visam a construção do vínculo afetivo, destaco a ação da professora entrevistada (P4), revelada em sua fala: *“até quando a criança tá chorando também eu gosto de falar “eu sei que é difícil vir pra escola, é difícil separar da mãe, do pai, se tem irmãos também, mas é importante, aqui também é legal, olha só quantos amigos que tu já fez, tem as profes também que não é a mesma coisa que a mãe mas tá ali naquele papel, o que tu precisar a profe vai estar aqui”, a gente sempre vai conversando com eles porque isso parece que dá uma confortada”* (Transcrição de Entrevista). A prática de nomear para a criança aquilo que ela está sentindo na ausência da mãe auxilia no desenvolvimento da habilidade do bebê em reconhecer e compreender este sentimento, assim como equilibra-lo de acordo com normas socialmente aceitáveis, conforme apontam Gonzalez-Mena & Eyer (2014). Sendo assim, penso que a professora realiza a ação por acreditar que o comportamento daquele bebê é uma reação ao seu ingresso à escola e o desconforto trazido pela separação dos pais, manifestada através do choro. A conduta da professora tem o intuito de que ele reconheça este sentimento e sinta-se confortável em um novo ambiente com novas pessoas; conseqüentemente, construindo uma relação de confiança com aquela criança.

Conduzida pelas contribuições de Gonzalez-Mena & Eyer (2014), reafirmo a importância de considerarmos os momentos dos cuidados diários para estabelecer este tão

precioso vínculo entre bebê e professora. São estes momentos individualizados e de qualidade que garantem o fortalecimento deste vínculo, principalmente quando são contínuos e realizados pela mesma pessoa, contribuindo para a construção de uma relação de confiança entre os dois. Quando a professora (P1) diz: *“nesses momentos de higiene pessoal que a gente acredita também que é muito importante, porque é uma parte do corpo, tocar no corpo de um bebê que nunca foi tocado antes por ti pelo menos né, precisa ser muito respeitado”* (Transcrição de Entrevista), fica evidente o respeito que ela tem pelo bebê da mesma maneira que considera estes momentos do cuidado significativo para tecer uma relação com ele.

Ao refletir em relação ao vínculo afetivo na docência com os bebês, mais especificamente durante o período de acolhimento, retrato que as professoras consideram tratar-se de um aspecto indispensável e singular do processo, em ocorrência de que se refere a um período de construção de relações, sendo a afetividade um fio condutor para que esse vínculo se estabeleça entre bebê e professora, nesse sentido ficou evidente nos pontos de vista de algumas professoras a preocupação em conhecer e compreender este bebê que chega à escola, na tentativa de oferecer aquilo que ele precisa para estabelecer as suas relações e se sentir pertencente ao grupo que o está acolhendo.

#### 4.3 A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Quando se fala no ingresso da criança à escola e no processo de acolhimento, é imprescindível pensar a respeito de possíveis fatores e indicadores que interferem diretamente no processo, para isso, alguns estudos (RAPOPORT, 2005; RAPOPORT e PICCININI, 2001; MARTINS et al, 2014) contribuem para conhecermos os principais indícios que podem afetar negativamente a chegada da criança na escola, do mesmo modo que, para pensar acerca da complexidade do período de acolhimento dos bebês à creche. A partir da colaboração destes autores, que enumeram como um dos fatores que interferem na inserção da criança à escola a insegurança sofrida pelos pais, e o suscitado pelas professoras entrevistadas durante o trabalho de campo, esta unidade de análise apresenta a discussão em relação aos sentimentos experimentados pelos familiares durante o acolhimento da criança na creche e o quanto eles podem interferir no processo.

Durante a fase de análise das respostas das professoras entrevistadas, examinando especificamente as questões que abordam o eixo sobre a participação das famílias no acolhimento das crianças, – Na sua escola, como as famílias participam do período de adaptação? Na sua concepção, qual é o papel das famílias neste período? Existe algum

momento em que as famílias podem interferir negativamente na adaptação? - as professoras trouxeram de forma unânime a insegurança por parte das famílias como um possível fator que dificulta o andamento do processo. Além da insegurança, sentimentos como ansiedade, desconfiança, receio e apreensão, foram apontados pelas professoras, do mesmo modo que a mãe da criança seria a integrante familiar que mais demonstra estas emoções. Vejamos alguns trechos das entrevistas:

P1: Eu acredito que é essa ansiedade né, **quando os pais estão muito ansiosos e transmitem isso nas atitudes com as crianças**, as crianças, elas também ficam mais ansiosas, essa mãe que chegou esse ano, ela ficou três dias com a gente em sala, e a gente dizia que ela podia ficar mais, só que ela não se sentia confortável pra ficar mais, então ela pegava o bebê e falava assim: “agora fica aqui com a fulana que agora eu preciso sair um pouco”. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P2: Talvez isso, **talvez essa insegurança às vezes, essa necessidade de que essa criança sinta esse momento**, de quebrar esse vínculo assim por esse tempo determinado ali né, eu acho que isso pode sim influenciar, ou então fica muito receosa, fica muito apreensiva também, eu acho que também esse é o papel, por isso que eu digo da gente fazer essa entrevista antes da gente conseguir com bastante calma conversar com a família né, trazer a gente essa segurança que talvez a família ali, que não compreende muito esse processo, não teve outra caminhada não teve outras experiências, também a gente enquanto profissional conseguir passar essa segurança pra essa família, então acho que talvez essa ansiedade, esse momento sabe. (Transcrição de Entrevista –

P3: Eu acho que quando não sente a confiança talvez, de não querer deixar ele ali né, e a criança sente, porque quando o bebê tá chorando e a mãe tá ali perto, eu não sei mas tem uma troca ali de cheiro de alguma coisa, **porque elas ficam agitadas sabe lá dentro e a mãe tá lá fora agitada, então eu acho que essa confiança é preciso para o bebê conseguir se adaptar bem**. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P4: **A gente sempre tenta amenizar o máximo possível o sofrimento deles embora a gente saiba que a tendência é sempre aumentar o tempo e que para alguns é difícil**, mas a gente tá sempre em contato com as famílias, e acolhendo as angústias, as dúvidas que tem muitas nesse início, a reunião é um momento de ápice pra isso no início do ano, porque daí a gente já teve alguns dias com eles daí os pais vem cheios de dúvidas. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

Ao considerar este conjunto de possíveis sentimentos permeados no processo de acolhida das crianças e famílias, me questiono quais são as ações que ocorrem para que os pais e as mães dos bebês sintam-se apreensivos e inseguros a ponto de interferir na inserção dessa criança à escola.

Partindo para uma análise do trecho da entrevista da professora (P1), percebo que nas ações dessa mãe transparece um sentimento de que a escola de educação infantil não é um lugar para os adultos. Mesmo com a tentativa de acolhida da professora, sugerindo que ela permanecesse mais alguns dias em sala de aula, para um processo de inserção da criança mais tranquilo, ela não se sentiu confortável e decidiu sair. Tal fato me leva a refletir em relação o

quanto as escolas de educação infantil e creches tornaram-se locais para os cuidados das crianças pequenas, em que os adultos não são bem-vindos.

Historicamente, a creche foi marcada por princípios e práticas amparadas em um modelo sanitarista e assistencialista, em que a principal função era um lugar para se deixar as crianças enquanto os pais trabalhavam. Essa concepção, mesmo após novas discussões sobre a finalidade da creche e o reconhecimento de sua função social, política e pedagógica (BARBOSA; RICHTER, 2013), ainda está bastante arraigada nas instituições escolares, cujas práticas docentes ainda reproduzem o mesmo modelo de escola de décadas atrás. Nesse cenário, a participação das famílias na rotina escolar de seus filhos restringia-se a deixá-los na recepção da escola e pegá-los no mesmo local ao final do dia. Um maior contato com a escola acontece nos períodos de festividade, como o dia das mães, dos pais, e festa de Natal. Desse modo, mesmo havendo um forte movimento para transformar antigas concepções, e construir uma escola da infância com um caráter relacional que atenda toda a comunidade escolar, ainda existe um estranhamento por parte dos pais e um sentimento de não pertencimento aquele espaço, devido ao fato de que as escolas ainda são muito resistentes em “abrir as portas” para as famílias, talvez para evitar possíveis transtornos e julgamentos. Essa conduta das escolas, de se caracterizar como um espaço restrito para as crianças tem seu início já no período de acolhimento, como se pode observar nos trechos de entrevista abaixo:

P3: **Lá na escola as mães podem ficar na sala de aula por três dias**, então ela vai, pode entrar com a criança, daí tem a interação da professora com a criança, da mãe com a criança, até pra eles conhecerem a professora né [...] **e os últimos dois dias, porque é só uma semana de adaptação, eu acho pouco, poderiam ser duas, e os últimos dois dias a mãe fica na recepção e assim só a criança fica na sala de aula** [...] é gradativo né, o primeiro dia fica uma hora e meia, o segundo dia, duas horas, assim até fechar o turno de cinco horas que fecha na sexta. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

P4: Nós tínhamos liberdade para fazer né, meia hora a gente acha pouco, porque daí meia hora às vezes a criança né, pra gente ter aquele tempo de acolher, de conversar com o bebê, de apresentar o novo ambiente, da mãe ficar por ali um pouquinho, a gente não faz a mãe sempre junto tá, porque como o vínculo de mãe e bebê é simbiótico, a gente não consegue às vezes que a criança se desligue da mãe e faça vínculo com o espaço, com as profes a gente deixa um tempo e depois a gente pede, não que a mãe fuja porque a gente não gosta, mas que vá saindo se ver que a criança tá bem, mas fique pelos espaços da escola no primeiro dia porque se a gente precisar chamar a mãe tá por aqui né, a gente sempre pede que fique nos espaços da escola, **e esse ano isso não foi possível assim sabe, já começaram com duas horas um grupo grande de bebês, a gente sempre colocava dois, três, a gente já começou com cinco, é bastante bebê junto sabe, pra ti dar atenção, pra ti acolher, pra ti conversar**, não tem como porque eles precisam de colo, bebê na fase de adaptação precisa de colinho, precisa de atenção, precisa de uma atenção mais individualizada, mais singular. (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

As falas das professoras, quase em tom de desabafo, revelam uma acentuada determinação por parte das instituições escolares a respeito da formatação do período de ingresso das crianças na escola de educação infantil. Muitas vezes, as instituições cumprem recomendações oriundas das Prefeituras e Secretárias de Educação, outras, é a própria instituição que acredita neste formato de acolhimento para os bebês e crianças pequenas. Contudo, é visível a inconformidade das professoras quanto a essa configuração do período de inserção. Quem melhor para compreender sobre a infância e as suas necessidades do que a profissional da educação infantil? São elas que estão no cotidiano com as crianças, que estudam sobre elas, que vivenciam as suas primeiras experiências coletivas dentro da escola, e tristemente, são as que menos são ouvidas quando se trata de definir princípios básicos dentro do contexto escolar.

Por outro lado, algumas instituições permitem que as professoras exerçam suas práticas de acordo com o que acreditam ser o ideal para as crianças e familiares dentro de um processo de acolhimento. Para ilustrar este pensamento, destaco o trecho da entrevista abaixo:

P1: O grupo palavra é um grupo de formação continuada na escola que acontece todas as semanas para as professoras e educadoras assistentes do nível 1 e nível 2, primeiro e segundo ano de vida das crianças, e aí dentro desse grupo a gente conversa sobre as adaptações, a gente conversa todas as semanas na verdade sobre como vem sendo esse processo de adaptação, então não necessariamente precisa existir um cronograma, hoje a criança fica tanto tempo, amanhã fica tanto tempo, **é muito do que a professora percebe a criança, de como percebe a família e como se estabelece na escola essa relação de vínculo com as educadoras.** (Transcrição de Entrevista – **grifos meus**)

Nesse contexto, existe um grupo de apoio às professoras para que possam revelar os seus sentimentos, angústias, e experiências que acontecem no período de acolhimento dos bebês e famílias na escola. Essa possibilidade de formação continuada, proporcionada pela instituição, permite que as professoras compartilhem as suas vivências e construam em conjunto uma concepção de acolhimento que seja caracterizada a partir da concepção de infância que existe naquela escola. Segundo Carvalho e Radomski (2017), este é um dos objetivos da docência: refletir sobre o cotidiano a partir de suas interações com o outro, sendo assim, as professoras precisam criar espaços para transgredir os desafios colocados, sempre lutando por uma escola digna para as crianças. Para corroborar com o pensamento destaco o seguinte trecho de entrevista:

P4: Eu fiz um relatório sabe, eu coloquei ali pra ficar registrado, **que não é viável esse formato** né, não faço mais dessa forma, já falei com a diretora **é muito sofrido pra nós principalmente pra eles**, porque eles ficam com marcas da infância. Mas eles estipularam um prazo que em duas semanas já era pra, quem estipula um prazo para adaptação? **Quem sabe o tempo interno da criança?** Isso eu achei muito ruim, mas registrei, tá lá no nosso caderno de planejamento registrado, conversei com a nossa diretora, ela é bem aberta pra que a gente possa falar e a gente falou qual foi o nosso sentimento nesse momento, foi difícil, e tá sendo ainda. (Transcrição de Entrevista – **grifos**)

A atitude desta professora, em documentar aquilo que não aceita como uma prática viável no acolhimento dos bebês à creche demonstra toda a sua insatisfação e inconformidade com o processo que é estabelecido pelos órgãos que tem a função de organizar e normatizar as escolas de educação infantil. Quando a professora (P4) traz o questionamento sobre “*Quem sabe o tempo interno da criança?*” (Transcrição de Entrevista), elucidado novamente a reflexão sobre as concepções de Hoyuelos (2015) a respeito do tempo da criança e o quanto ele é diferente do tempo do adulto, assim como as práticas que envolvem os bebês e crianças pequenas devem harmonizar-se com as suas experiências e vivências.

Refletindo sobre esse contexto, entendo que devido ao que é estabelecido às instituições escolares através de normativas ou recomendações das Prefeituras e Secretária de Educação, muitas escolas ainda reproduzem um modelo de acolhimento baseado nas concepções de adaptação, organizado em uma progressividade de tempo para que a criança se acostume a viver neste novo ambiente e com novas pessoas. Apesar de contestado pelas professoras, esse é um modelo que não contribui para a formação de vínculos e construção de novas relações, tanto da professora com o bebê, quanto com os familiares. Não existe tempo suficiente para se conhecer e se consolidar uma base de confiança. Sendo assim, esse formato de acolhimento está baseado em uma concepção de que é a criança quem vai se adaptar ao ambiente, diferente de uma ideia de escola inspirada por aspectos relacionais e de encontro no cotidiano. A razão para as relações baseadas na desconfiança, insegurança e ansiedade entre professoras e familiares pode estar fundada nessa antiga concepção de adaptação.

A seguir, no último capítulo deste trabalho, traço as considerações finais sobre a referente pesquisa, bem como a sua perspectiva e importância para o processo de acolhimento na escola da infância.

## **5 PERSPECTIVAS PARA O PROCESSO DE ACOLHIMENTO DOS BEBÊS NA CRECHE**

O presente trabalho de pesquisa buscou investigar de que forma as professoras de berçário pensam o acolhimento dos bebês para construção do vínculo afetivo durante o seu ingresso na creche. Para tal, se fizeram necessários analisar e apresentar as múltiplas concepções existentes a respeito do processo de ingresso dos bebês à escola – adaptação (RAPOPORT, 2005), *inserimento* (BOVE, 2002; MANTOVANI & TERZI, 1998) e acolhimento (STACCIOLI, 2013), assim como aprofundar a investigação sobre a construção do vínculo afetivo a partir dos estudos de BOLWBY (1990) e GONZALEZ-MENA & EYER (2014).

Nesse sentido, foram atingidos os seguintes objetivos na pesquisa: apresentar os conceitos adaptação, *inserimento* e acolhimento e discutir qual a contribuição para tal no contexto educativo brasileiro, investigar a importância da construção do vínculo afetivo entre professora e bebê para o processo de acolhimento, analisar as concepções e entendimento das professoras de berçário sobre o processo de acolhimento através das entrevistas realizadas no trabalho de campo, identificar os fatores que interferem no acolhimento a partir do olhar das professoras e propor alternativas de mudanças qualitativas no processo a partir da bibliografia estudada.

O estudo foi organizado com base em uma pesquisa de abordagem qualitativa, a partir de pesquisa bibliográfica e a realização de entrevistas semiestruturadas durante o trabalho de campo com quatro professoras atuantes em turmas com crianças de 0 a 3 anos, das redes pública e privada da cidade de Porto Alegre e região metropolitana.

A partir dos dados obtidos nas entrevistas, destaco que as professoras atuantes em turmas com crianças de 0 a 3 anos, realizam ações de acolhimento durante o seu ingresso à escola; no entanto, ainda evidenciadas em práticas para receber as crianças na creche. Algumas professoras entrevistadas destacaram a relevância das ações de acolhimento se estenderem à rotina de cuidados no cotidiano, assim como aos familiares, parte integrante e fundamental no processo de acolhimento dos bebês.

As professoras enfatizaram o afeto como um fator fundamental para a construção e fortalecimento de um vínculo afetivo com os bebês durante o acolhimento, em que está presente na prática de algumas professoras o propósito de conhecê-lo e compreendê-lo, a fim de se estabelecer o vínculo afetivo e iniciar uma relação entre professora e bebê.

Quanto à participação das famílias no processo de acolhimento, e a sua relevância, as professoras ilustraram que a insegurança dos responsáveis ainda é um aspecto presente

durante o ingresso das crianças à creche. Com base nesse ponto de vista, evidenciou-se que a escola ainda é um lugar privado às crianças, em que as ações de acolhida às famílias ainda são muito restritas e que já se manifestam no período do ingresso das crianças, em que os familiares não participam ativamente do processo como sugerido pelos princípios do acolhimento.

Concluindo, pôde-se observar aspectos importantes da ideia chave de acolhimento, trazida por Staccioli (2013), em algumas das entrevistas das professoras, ainda de que forma pouco expressiva, principalmente no que se refere a estender o acolhimento a todas as ações educativas do cotidiano, bem como aos familiares, ressignificando o processo de ingresso das crianças à escola.

Nesse sentido, oferecer às crianças pequenas um processo de acolhimento na creche ou escola de educação infantil significa muito mais do que realizar práticas que os respeitem como indivíduos de direitos e sujeitos capazes, significa reinventar a docência com bebês, transformando antigos padrões, que já não dão conta das múltiplas infâncias que chegam até as escolas. Em vista disso, é importante que as Escolas de Educação Infantil estejam preparadas para acolher os bebês e suas famílias respeitando o tempo de cada um deles, ao invés de serem estipulados prazos para que os mesmos se acostumem com a nova rotina. Além disso, o caráter principal de uma instituição que acolhe a criança deverá ser o de potencializar o espaço institucional como um local de encontro entre escola e família, oportunizando a construção de relações potentes. A partir disso, o acolhimento deve estender-se a todas as ações docentes no cotidiano, principalmente nas que interferem as rotinas do cuidado, como trocar, alimentar e vestir, pelo fato de que propiciam um encontro entre professora e criança para a construção de um vínculo afetivo e o início de uma nova relação.

Pelos motivos expostos, a relevância do presente estudo encontra-se em suas contribuições para que as professoras reflitam sobre suas práticas pedagógicas a respeito dos modos como recebem os bebês e seus responsáveis na creche, tornando a escola um espaço destinado a relações potentes, tanto das professoras com as crianças como também com os familiares. Desse modo, o desafio é o de que possam ser cada vez mais promovidos processos de acolhimento que respeitem os tempos dos bebês, suas singularidades, individualidades e potencialidades.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Simonis Sandra. **Creche**: uma estranha no ninho educacional. *Dialogia*, São Paulo, n.17, p. 213-222, nov. 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, São Paulo, 2011.
- BLOOM-FESHBACH, S.; BLOOM-FESCHBACH, J.; GAUGHRAN, J. **The child's tie to both parents**: separation patterns and nursery school adjustment. *American Journal of Orthopsychiatry*, Arizona, n.50, p. 505-521, 1980.
- BOVE, Chiara. *Inserimento*: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil** / organizado por Lella Gandini e Carolyn Edwards; trad. Daniel Etcheverry Burguño. - Porto Alegre : Artmed, 2002. Pg. 135 – 149.
- BOWLBY, John. **Apego**: a natureza do vínculo. Volume 1 da Trilogia Apego e Perda. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1990.
- BRASIL, **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa de. RADOMSKI, Lidianne Laizi. **Imagens da docência com bebês**: problematizando narrativas de professoras de creche. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v.22, n.44, p.41-59, jan./abr. 2017
- CATARSI, Enzo. As competências relacionais do professor na escola do acolhimento. In: **Diário do acolhimento na escola da infância**. / Gianfranco Staccioli; tradução (do italiano) Fernanda Ortale & Ilse Paschoal Moreira. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013. – Coleção formação de professores. Série educação infantil em movimento, p.7-12.
- CHOKLER, Myrtha Hebe. **La aventura dialógica de la infancia** / Myrtha Hebe Chokler; comentários de Bernard Aucouturier; prólogo de Ivan Derrault-Harris; Daniel Camels. – 1ª edición especial – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cinco, 2017.
- EMILIANI, F.; GELATI, M. & MOLINARI, L. **Il bambino nella mente e nelle parole delle Madri** [ The child in the mind and words of mothers]. Florence, Italy: La Nuova Italia, 1989.
- FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy / Judit Falk, organizadora ; tradução de Suely Amaral Mello ; [revisão de tradução Jaqueline Moll]. – 2.ed. – Araraquara, SP : Junqueira&Marin, 2011.
- FALK, Judit. **Abordagem Pikler, educação Infantil**. Judit Falk, (organizadora); [tradução Guillermo Blanco Ordaz]. - São Paulo: Omnisciência, 2016. – (Coleção primeira infância: educar de 0 a 6 anos).
- FEIN, G. G. Infants in group care: patterns of despair and detachment. *Early Childhood Research Quarterly*, [S.I.], n.10, p. 261-275, 1995.
- FORTUNATI, Aldo. **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças**. Protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo do possível. Tradução Paula Baggio. Edizioni ETS, Itália, 2014.
- GARDNER, Howard. Perspectivas complementares sobre Reggio Emilia. In: **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância /

Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman; trad. Dayse Batista. – Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999, pg. 9-12.

GONZALEZ-MENA, Janet. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche**: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas / Janet Gonzalez-Mena, Dianne Widmeyer Eyer ; tradução: Gabriela Wondracek Link ; revisão técnica: Tânia Ramos Fortuna. – 9. ed. – Porto Alegre : AMGH, 2014.

HOYUELOS, Alfredo. Os tempo da infância. In: **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul**: perspectivas políticas e pedagógicas / org. Maria Luiza Rodrigues Flores, Simone Santos de Albuquerque. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

MANTOVANI, Susanna; TERZI, Nice. A inserção. In: **Manual de educação infantil**: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva / Anna Bondioli e Susanna Mantovani; trad. Rosana Severino Di Leone e Alba Olmi – 9. Ed. – Porto Alegre : Artmed, 1998.

MARTINS et al. **Fatores associados à não Adaptação do Bebê na Creche**: da gestação ao ingresso na instituição. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jul-Set 2014, Vol. 30 n.3, pp. 241-250.

RAPOPORT, Andrea. & Piccinini, C.A. (2001) **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche**: alguns aspectos críticos. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 14(1), 81-95.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche** : a importância da atenção de pais e educadores / Andrea Rapoport. – Porto Alegre : Mediação, 2005.

ROSA, Maria Virgínia. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismo para validação dos resultados / Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto, Marlene Aparecida Gonzalez Colombro Arnoldi. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROSSETI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K. **Relações afetivas na família e na creche durante o processo de inserção de bebês**. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ATEÇÃO À CRIANÇA DE 0 A 6 ANOS, 4., 1996, Brasília. Anais...Brasília: [s.n.], 1996.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico / Luiz Antonio Sacconi. – São Paulo: Nova Geração, 2010.

SILVEIRA, Denise; CORDOVA, Fernanda. A pesquisa científica. In: **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, Suzana Macedo. **Vínculo, movimento e autonomia**: educação até 3 anos. 1. ed. – São Paulo: Omnisciência, 2017. (Coleção primeira infância: educar de 0 a 6 anos).

STACCIOLI, Gianfranco. Diário de acolhimento na escola da infância / Gianfranco Staccioli; tradução (do italiano) Fernanda Ortale & Ilse Paschoal Moreira. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013. – (Coleção formação de professores. Série educação infantil em movimento).

WALLON, Henry. **Psicologia e Educação da Criança**. Trad: Ana Rabaca e Calado Trindade. Lisboa: Vega, 1979.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1982.

ZINGONI, Sara. Ser protagonista desde o início: as crianças e a experiência do nido. In: **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças**. Protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo do possível. Aldo Fortunati. Tradução Paula Baggio. Edizioni ETS, Itália, 2014, p. 57-67.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

#### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A proposta de pesquisa que pretendo realizar, na condição de aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é intitulada: *O acolhimento dos bebês na creche: tensões, desafios e propostas no contexto da Pedagogia da Infância*. A pesquisa tem como objetivo investigar as concepções de professoras de berçário, o acolhimento dos bebês de 0 a 3 anos para a construção de um vínculo afetivo durante o período de adaptação na Educação Infantil. Para tanto, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com professoras atuantes em berçários, de escolas públicas e privadas, da rede de ensino de Porto Alegre e região metropolitana.

Assim, com o consentimento e autorização da professora \_\_\_\_\_, pretendo gravar as respostas referente à entrevista semiestruturada, tendo em vista a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desse modo, comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho e informo que o sigilo será totalmente preservado, ou seja, não serão mencionados o nome da escola, crianças e professoras nos dados que serão apresentados no TCC ou em qualquer outra publicação decorrente do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse sentido, esclareço que essa pesquisa não oferece risco ou prejuízo aos envolvidos.

Como responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder a esclarecer qualquer dúvida que o/a participante venha a ter no momento do trabalho investigativo ou sempre que julgar necessário, através do fone XXXXXXXXX ou pelo endereço eletrônico [tatah.pac@gmail.com](mailto:tatah.pac@gmail.com).

Após ter sido devidamente informada de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido as minhas dúvidas, eu \_\_\_\_\_, RG sob o número \_\_\_\_\_ professor/a da Escola \_\_\_\_\_ autorizo a gravação das respostas à entrevista e utilização da mesma como dados do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Renata Vaz Ferreira.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de abril de 2018

---

Assinatura da professora

---

Assinatura da acadêmica

## APÊNDICE 2

Roteiro de entrevista:

### Dados pessoais:

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Qual a sua formação? Em que local? Ano?
- 4) Qual a sua experiência em turmas de berçário/faixa etária de 0 a 3 anos? (tempo de atuação)?

### Dados profissionais:

- 1) Escola que atua
- 2) Pública ou privada
- 3) Horário de funcionamento
- 4) Quantidade de alunos e turmas
- 5) Quantidade de professor X aluno nas turmas de berçário
- 6) Ano de fundação

### Questões sobre adaptação:

- 1) Como é institucionalizado na sua escola a adaptação das crianças de 0 a 3 anos?
- 2) Existe uma sugestão de cronograma a seguir?
- 3) Quem realiza as adaptações: professoras e/ou assistentes?
- 4) Existe um educador referência para a criança durante o processo?
- 5) Qual a configuração das turmas de berçário (professora e assistentes)?
- 6) Como é realizada a distribuição de tarefas entre a professora e as assistentes?
- 7) Como são pensados os momentos de sono, alimentação e trocas do bebê durante a adaptação?
- 8) Para você, quais os fatores que interferem no processo de adaptação?
- 9) Na sua opinião existe um indicador para se dizer que o bebê está adaptado? Qual?
- 10) A idade do bebê influencia no processo de adaptação?
- 11) Quais as ações que a sua escola realiza antes do início da adaptação? Reuniões, encontros...?
- 12) O choro do bebê durante a adaptação, para você, pode significar o quê?

### Questões sobre acolhimento:

- 1) Como é pensado o acolhimento dos bebês no processo de adaptação?
- 2) De que forma você se prepara para iniciar uma nova adaptação?
- 3) Existe algum cuidado quanto ao espaço físico para o acolhimento de novos bebês?

- 4) Quais ações de acolhida você destacaria na rotina (chegada, saída)?

**Questões sobre vínculo:**

- 1) Na sua opinião, qual a importância do vínculo no processo de adaptação?
- 2) Quais as suas ações docentes durante a construção do vínculo com um bebê?
- 3) Houve alguma situação em que você não conseguiu construir um vínculo com a criança?

**Questões sobre participação das famílias:**

- 1) Na sua escola, como as famílias participam do período de adaptação?
- 2) Na sua concepção, qual é o papel das famílias neste período?
- 3) Existe algum momento em que as famílias podem interferir negativamente na adaptação?

**Fechamento:**

Faça um relato de um episódio de adaptação marcante na sua trajetória como professora de berçário: